

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO: JORNALISMO

MAURÍCIO RODRIGUES CAUDURO

COMO UMA PEDRA ROLANTE:
CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA EDIÇÃO
BRASILEIRA DA REVISTA ROLLING STONE

PORTO ALEGRE – RS

2014

MAURÍCIO RODRIGUES CAUDURO

COMO UMA PEDRA ROLANTE:
CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA EDIÇÃO
BRASILEIRA DA REVISTA ROLLING STONE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Wladimir Netto Ungaretti

PORTO ALEGRE – RS

2014

CIP - Catalogação na Publicação

Cauduro, Maurício Rodrigues

Como uma pedra rolante: contribuição ao estudo de análise de conteúdo da edição brasileira da revista Rolling Stone / Maurício Rodrigues Cauduro. -- 2014.

96 f.

Orientador: Wladimir Netto Ungaretti. Trabalho de

conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação Social: Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Revista. 2. Jornalismo Cultural. 3. Temáticas Editoriais.
4. Análise de Conteúdo. 5. Rolling Stone. I. Ungaretti, Wladimir Netto, orient. II. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado Como uma pedra rolante: Contribuição ao estudo de análise de conteúdo da edição brasileira da revista Rolling Stone, de autoria de Maurício Rodrigues Cauduro, estudante do curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, de novembro de 2014

Assinatura:

Nome completo do **orientador**: Wladimir Netto Ungaretti

MAURÍCIO RODRIGUES CAUDURO

COMO UMA PEDRA ROLANTE:
CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA EDIÇÃO
BRASILEIRA DA REVISTA ROLLING STONE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Aprovado em:

Conceito Final:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Wladimir Netto Ungaretti – UFRGS

Orientador

Prof^a. Ma. Rosa Nívea Pedroso – UFRGS

Examinadora

Prof. Dr. Mário Eugenio Villas-Boas da Rocha - UFRGS

Examinador

*Para todos que me acompanharam nesta trajetória
e me ajudaram a construir este trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, pelo apoio que constitui a base da minha vida.

Aos meus professores, pelo ensinamento e pela dedicação essenciais na minha formação.

Aos meus amigos e colegas, pelo companheirismo e pelas lembranças que me proporcionaram.

Aos jornalistas que me despertaram o encanto e o entusiasmo pela comunicação.

Ao meu orientador, professor Wladimir Netto Ungareti, por me apontar o caminho a ser trilhado nessa pesquisa.

À UFRGS, por ter me dado todas as condições para que pudesse me tornar um jornalista.

À revista Rolling Stone, por me mostrar que é possível combinar paixão com trabalho profissional.

Ao Paulo Machado Mors, pela grande ajuda prestada durante a elaboração deste trabalho.

Muito Obrigado.

Rolling Stone

Wanna see my picture on the cover

Rolling Stone

Wanna buy five copies for my mother

Rolling Stone

Wanna see my smilin' face

On the cover of the Rolling Stone

***Dr. Hook & the Medicine Show –
“The Cover of Rolling Stone”***

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso propõe-se a estudar as temáticas editoriais do conteúdo jornalístico produzido pela edição brasileira da revista Rolling Stone. O objetivo geral é verificar quais são os diferentes temas abrangidos pela cobertura do jornalismo da publicação através da aplicação de técnicas pertencentes à metodologia de análise de conteúdo. Para isso, foram reunidos no *corpus* de estudo 195 textos e 36 chamadas de capa publicados nas 12 edições mensais da revista do período de janeiro a dezembro do ano de 2013. Após a seleção e a leitura analítica, os textos foram categorizados dentro de unidades temáticas. Cada unidade teve as suas ocorrências registradas e os resultados da análise de conteúdo foram detalhados para a elaboração de uma classificação quantitativa dos temas. A origem e a evolução da Rolling Stone, tanto em sua versão norte-americana quanto na brasileira, foram apresentadas para proporcionar um embasamento histórico do objeto de pesquisa. Para o suporte teórico do trabalho, também foi realizada a revisão bibliográfica de elementos centrais a presente monografia como “cultura”, “jornalismo cultural”, “jornalismo musical” e “jornalismo de rock”. Além disso, na abordagem da metodologia recapitulou-se a história e o desenvolvimento dos estudos de análise de conteúdo. A investigação da análise de conteúdo revelou que as unidades relacionadas aos temas de música, de cinema, de televisão e de literatura são as de maior representatividade na revista. No entanto, a pesquisa também mostrou que temáticas tradicionalmente pouco recorrentes aos veículos do jornalismo cultural, como sócio-política, esporte e entretenimento eletrônico ocupam um espaço significativo nas páginas da Rolling Stone brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Rolling Stone. Revista. Temáticas editoriais. Análise de conteúdo. Jornalismo cultural.

ABSTRACT

This course conclusion paper proposes to study the editorial themes of the journalistic content produced by the Brazilian issue of Rolling Stone magazine. The overall objective is to verify which are the different themes comprised by the journalistic coverage of the publication through the application of techniques that belong to the content analysis methodology. To achieve this, 195 texts and 36 cover stories published in the 12 monthly issues of the magazine from the period of January to December of the year 2013 were gathered in the study corpus. After going through the processes of selection and analytical reading, the texts were categorized into thematic units. Each unit had its occurrences registered and the results of the content analysis were detailed for the elaboration of a quantitative classification of the themes. The origin and evolution of Rolling Stone, in both its North American and its Brazilian issues, were presented to provide a historical basis for the research object. To give theoretical support for this study, a bibliographic revision of key elements to the current monograph such as "culture", "cultural journalism", "music journalism" and "rock journalism" was also conducted. Additionally, the approach of the methodology was done by recapitulating the history and the development of content analysis studies. The research of the content analysis revealed that the units related to the themes of music, film, television and literature are the most representative ones in the magazine. However, the study also showed that subjects that are traditionally of little recurrence in cultural journalism vehicles such as socio-political, sports and electronic entertainment occupy a significant space in the pages of Rolling Stone Brazil.

KEYWORDS: Rolling Stone. Magazine. Editorial themes. Content analysis. Cultural journalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 HISTÓRICO DA REVISTA ROLLING STONE.....	17
2.1 Uma referência mundial: a origem da revista Rolling Stone.....	17
2.2 Breve Histórico do Rock and Roll no Brasil entre a década de 1960 e início dos anos 70.....	22
2.3 Rolling Stone no Brasil: a primeira experiência.....	25
2.4 Breve panorama do rock brasileiro entre os primeiros anos da década de 2000.....	28
2.5 A Rolling Stone no século XXI: a volta da edição brasileira.....	30
3 BASES TEÓRICAS.....	32
3.1 Conceituando Cultura.....	32
3.2 Conceituando Jornalismo Cultural e Musical.....	39
3.3 O Jornalismo de Rock.....	46
4 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	50
4.1 Sobre Análise de Conteúdo.....	50
4.2 Sobre a investigação efetuada.....	61
5 RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO DA REVISTA ROLLING STONE BRASIL.....	65
5.1 Análise detalhada por edição.....	65
5.1.1 Edição de janeiro de 2013.....	66
5.1.2 Edição de fevereiro de 2013.....	67
5.1.3 Edição de março de 2013.....	68
5.1.4 Edição de abril de 2013.....	69
5.1.5 Edição de maio de 2013.....	70
5.1.6 Edição de junho de 2013.....	72
5.1.7 Edição de julho de 2013.....	73
5.1.8 Edição de agosto de 2013.....	75

5.1.9 Edição de setembro de 2013.....	76
5.1.10 Edição de outubro de 2013.....	77
5.1.11 Edição de novembro de 2013.....	79
5.1.12 Edição de dezembro de 2013.....	80
5.2 Análise detalhada por unidade temática.....	82
5.2.1 Música.....	82
5.2.2 Televisão.....	83
5.2.3 Cinema.....	83
5.2.4 Sócio-política.....	84
5.2.5 Literatura.....	84
5.2.6 Esporte e Entretenimento eletrônico.....	84
5.2.7 Exposição artística.....	85
5.2.8 Teatro.....	85
5.2.9 Moda.....	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	93

1 INTRODUÇÃO

Quando nos propomos realizar um trabalho de pesquisa que seja ancorado no campo da atividade jornalística é perceptível constatar que existe uma das facetas do jornalismo que se apresenta como um fértil plano de estudos e análises: estamos falando do jornalismo cultural. Ora, a produção midiática dos veículos de comunicação massiva que se dedicam a cobrir e repercutir as realizações e iniciativas nos fronts culturais e artísticos de nossa sociedade sempre se constituiu para nós em uma atrativa fonte de observação e de exame do mundo do jornalismo. Portanto, ter como temática o jornalismo cultural para esse trabalho de conclusão de curso nos foi considerado como uma escolha propícia.

Paralelamente, é razoável concluir que a decisão sobre o que estudar dentro desse vasto universo que constitui o jornalismo cultural não é simples de ser tomada. No entanto, mesmo diante de tamanha gama de especializações e de veículos existentes na abrangência de tal tipo de atividade jornalística, dois componentes são destacados devido à grande representatividade que possuem nesse ambiente: o jornalismo musical e, aquele que para muitos é apontado como o principal exemplo dessa vertente, a revista Rolling Stone. Além disso, atentamos para o fato de a publicação em questão ser um dos veículos jornalísticos que mais desperta o interesse do autor do presente trabalho e que, apesar de ser uma revista originária do mercado editorial norte-americano, algo que poderia dificultar a nossa pesquisa, ela conta com uma versão brasileira existente há 8 anos e que já se encontra estabelecida e reconhecida na mídia jornalística nacional. Todos esses fatores explicitados corroboraram para a designação da Rolling Stone brasileira como o objeto de pesquisa a ser estudado.

Definidos a temática geral e o objeto de pesquisa, foi necessário debruçar-se sobre o objetivo do trabalho, ou seja, aquilo que efetivamente nos interessava investigar sobre a publicação. A busca pela produção de pesquisas, artigos ou obras no campo da comunicação que tivessem a Rolling Stone nacional como o seu objeto nos revelou que apesar de ter conquistado um grande prestígio em âmbito mundial,

a relativamente jovem edição brasileira da publicação ainda não conta com muitos trabalhos acadêmicos a seu respeito. Nesse contexto, notadamente, temos a monografia de Juliana Pacheco da Costa, “Da Rebeldia à Caretice: A Revista Rolling Stone Perde o Rumo” (2009), em que autora a partir da construção de um panorama histórico da revista, tanto em sua versão norte-americana quanto na brasileira, realiza uma crítica da mudança de perfil editorial que foi ocorrendo com o veículo ao longo dos anos.

Portanto, tal quadro nos possibilitou uma avaliação bastante desprendida sobre o que poderíamos analisar em uma área de pesquisa ainda pouco explorada. Somando-se a essa conjuntura, tínhamos a nossa percepção, apreendida após alguns anos de acompanhamento e leitura das edições brasileiras, de que, ao contrário do que talvez o público leitor possa esperar, a Rolling Stone marca o seu jornalismo pela cobertura de assuntos e pautas que não se restringem apenas ao meio musical. Os números da publicação são compostos também de notícias, matérias, entrevistas e reportagens voltadas à diversificadas produções culturais como a cinematográfica, a literária, a televisiva, a teatral, entre outras. Até mesmo textos que abordam esportes, entretenimento eletrônico (jogos, videogames, computadores) e questões sócio-políticas ocupam as suas páginas. Como veremos mais adiante no capítulo sobre o histórico da publicação, tal perfil eclético foi sendo moldado e consolidado durante décadas pela publicação estadunidense e atualmente é seguido à risca pela versão brasileira. Dessa forma, a constatação da sua versatilidade editorial, que vai além daquilo que é previsto para um veículo de jornalismo musical, e até mesmo um de jornalismo cultural, foi essencial para a determinação do objetivo do nosso trabalho: elaborar uma pesquisa de caráter contributivo e introdutório sobre a verificação de quais são as grandes temáticas editoriais que são abrangidas pela produção jornalística brasileira da Rolling Stone nacional.

Para esse empreendimento, decidimos adotar como metodologia o conjunto de técnicas conhecido como análise de conteúdo. Como tal método proporciona a seleção de textos, a construção de unidades temáticas a partir da leitura flutuante desses textos e o apontamento de inferências e reflexões sobre o material analisado mostrou-se apropriado para alcançarmos as respostas relativas aos

questionamentos específicos da nossa pesquisa: “Quais os assuntos temáticos que são abarcados pelo jornalismo praticado pela revista Rolling Stone Brasil?”, “Como eles se configuram de forma quantitativa e que representatividade possuem nas edições dessa publicação?” e “Quais conclusões são possíveis de apontar sobre tal veículo jornalístico a partir dos dados obtidos com a análise de conteúdo?”. Para tanto, nosso corpus de análise foi composto de 195 textos, dos quais 36 contaram com chamadas na capa, produzidos pela equipe da redação nacional da Rolling Stone e publicados no espaço de tempo compreendido pelas 12 edições mensais do ano de 2013, de janeiro a dezembro.

Com a intenção de fornecermos um embasamento histórico para a nossa pesquisa, no Capítulo 2 nos dedicamos a apresentar um quadro abrangendo a criação e a evolução da Rolling Stone, tanto na sua versão original norte-americana, que existe desde os anos 1960, quanto nas duas encarnações publicadas no Brasil, a primeira, com um ciclo de vida iniciado em 1971 e encerrado em 1973, e a atual, trazida para o país em 2006. Contamos com o suporte do já mencionado estudo de Pacheco da Costa (2009). Nessa parte do trabalho, buscando complementar a contextualização cultural do ambiente no qual essas edições brasileiras surgiram, também faremos uma breve descrição da situação da música popular e do rock nacional no final da década de 1960 e início da de 1970 e novamente no final dos anos 1990 e início dos 2000 a partir da obra do jornalista Rafael Saldanha (2005) sobre o jornalismo de rock em revista no Brasil.

Já no Capítulo 3, trazemos uma revisão bibliográfica de autores que trabalham com conceitos-chave relacionados ao presente estudo, medida essencial para a nossa sustentação teórica. Primeiramente, trabalhamos com o desenvolvimento da definição de cultura e seus diferentes aspectos ao longo dos tempos. Ademais, em tal capítulo exibimos a conceituação de termos ligados diretamente ao campo de produção jornalística: o jornalismo cultural e o jornalismo musical. Por fim, destacamos as peculiaridades do chamado jornalismo de rock, uma variedade jornalística que, apesar de ligada ao musical, exhibe determinadas características bastante específicas e que, historicamente, encontrou um ambiente de veiculação na revista Rolling Stone.

O referencial metodológico adotado em nossa pesquisa é descrito no Capítulo 4, que é dedicado ao estabelecimento do histórico das pesquisas de análise de conteúdo, o conjunto das técnicas empregadas pelo método em questão e como ele é aplicado. Para tanto nos reportamos às obras relacionadas à análise de conteúdo de autores como Wladimir Netto Ungaretti (1998), Heloiza Herscovitz (2007), Wilson Corrêa da Fonseca Júnior (2006), Cátia Cilene Farago e Eduardo Fofonca (2012), além de Anelise Mozzato e Denize Grzybovski (2011). Todos esses pesquisadores utilizam como bases as teorias desenvolvidas por aquela que é considerada como o maior referencial nessa área de estudos, Laurence Bardin, e que constitui uma orientação teórica imprescindível para um trabalho como o corrente. Esse mesmo capítulo também oferece o detalhamento da investigação que realizamos sobre o nosso material de pesquisa.

Na sequência, o Capítulo 5 expõe os resultados colhidos a partir da análise de conteúdo, com a discriminação feita em duas etapas. Na primeira, utilizando a abordagem de apresentação dos dados através da especificação de cada uma das 12 edições que compõem o corpus de análise, registramos a descrição dos textos avaliados, a enumeração dos que tiveram alguma chamada na capa, a categorização feita nas devidas unidades temáticas a que pertencem e a divulgação das informações quantitativas relacionadas a cada número esmiuçado. Já a segunda, explicita os resultados sob a ótica das unidades temáticas que encontramos na nossa avaliação, trazendo a quantidade de ocorrências correspondentes a cada unidade, a porção com que cada uma contribuiu para a formação do universo de textos analisados e a elaboração de uma classificação quantitativa de representatividade dos temas presentes nas páginas da Rolling Stone brasileira.

Para as considerações finais, iremos apresentar as inferências e conclusões que extraímos da análise aplicada ao corpus da pesquisa com a intenção de podermos responder, ou nos aproximarmos de uma resposta, aos objetivos desse trabalho. Ainda que tais questões não possam ser plenamente esgotadas com a apresentação de nosso estudo, vemos como relevante a abordagem dessas indagações por sugerir um caminho, mesmo que inicial, para futuros estudos de análise de conteúdo da revista Rolling Stone nacional. Além de tudo, a conclusão do

estudo também reforça a noção que tivemos desde o início da nossa empreitada e que perpassou todas as suas etapas: atuando dentro dos limites desse trabalho monográfico, buscamos disponibilizar um esforço introdutório para colaborar com uma melhor compreensão do jornalismo praticado pelo veículo midiático Rolling Stone.

2 HISTÓRICO DA REVISTA ROLLING STONE

Esse capítulo tem o objetivo de fazer uma reconstituição da origem e da evolução da revista Rolling Stone para auxiliar a compreensão da posição de prestígio que tal veículo de comunicação ocupa atualmente dentro do mercado de jornalismo cultural impresso. O texto aborda, inicialmente, a versão original da revista, criada nos Estados Unidos nos anos 1960. Na sequência, com uma rápida contextualização do Rock no cenário musical brasileiro, é apresentada a história da edição brasileira da Rolling Stone, tanto na sua primeira encarnação, publicada entre 1971 e 1973, quanto na sua versão contemporânea, que é o objeto de pesquisa deste trabalho, lançada em 2006 e que segue até hoje.

2.1 Uma referência mundial: a origem da revista Rolling Stone

A revista Rolling Stone foi fundada em 1967 por Jann Simon Wenner¹ (editor e publicador da revista desde o seu primeiro número até os dias atuais) e pelo crítico musical Ralph Joseph Gleason² na cidade de *San Francisco*, estado da Califórnia, nos Estados Unidos. O jovem Wenner, então apenas com 20 anos de idade, havia abandonado seus estudos na Universidade de Califórnia Berkeley e utilizou um empréstimo de sete mil e quinhentos dólares conseguido junto a familiares e amigos para financiar o projeto. O nome da revista foi inspirado na influência que artistas como o músico de Blues norte-americano Muddy Waters, conhecido pela gravação da música “*Rollin’ Stone*”, o cantor Bob Dylan, autor do hit “*Like a Rolling Stone*”, e a banda de *Rock and Roll* inglesa Rolling Stones tiveram sobre os seus criadores. Na época, o mundo vivia o auge do movimento de contracultura e da filosofia de vida

¹ Jann Simon Wenner (07/01/1946) além de co-fundador da Rolling Stone, é dono da Wenner Media, empresa que também responsável pelas revistas Men’s Journal e US Weekly. Wenner é um dos co-fundadores do The Rock and Roll Hall of Fame Foundation, organização dedicada a gerenciar o museu do Hall da Fama do Rock and Roll, localizado na cidade de Cleveland, nos Estados Unidos.

² Ralph Joseph Gleason (01/03/1917 – 03/06/1975) além de co-fundador da Rolling Stone, escreveu para o San Francisco Chronicle e foi o co-fundador do Monterey Jazz Festival, festival de música realizado anualmente em Monterey, estado da Califórnia, nos Estados Unidos.

hippie e foi dentro desse efervescente cenário, que tinha *San Francisco* como um dos seus principais centros, que nasceu a revista.

Destacando-se por ser uma das primeiras publicações voltadas ao jornalismo musical, a *Rolling Stone* sempre teve como foco principal a cobertura do *Rock and Roll* e da música *Pop*. No entanto, a música não foi o assunto exclusivo a ocupar as páginas da publicação durante as suas décadas de história. Logo na primeira edição da revista, lançada em nove de novembro de 1967 e que trazia na capa a imagem do músico John Lennon, integrante de uma das mais populares bandas da época, *The Beatles*, Wenner³ (1967 *apud* CAVALCANTI (2012) escreveu em um editorial que “a *Rolling Stone* não é apenas sobre a música em si, ela é sobre as coisas e atitudes que a música abraça”, frase que se tornaria uma representação da linha editorial adotada pelo veículo. Dessa forma, artigos e reportagens sobre movimentos culturais, questões sociais, política, entretenimento e comportamento jovem sempre estiveram presentes e ajudaram a criar a identidade da revista.

A abordagem de múltiplos assuntos culturais aliada ao tratamento sério que deu à cena musical foram os fatores responsáveis pela notoriedade e popularidade que a *Rolling Stone* alcançou nas décadas de 1960 e 1970. Ela ficou conhecida por não apenas adotar padrões jornalísticos tradicionais e trazer reportagens mais longas e densas sobre os temas apresentados, mas também por experiências inovadoras no campo do jornalismo musical, como entrevistas que ultrapassavam os limites da carreira dos artistas e os mostravam na intimidade e permitindo a livre expressão tanto do artista quanto de seus jornalistas, esse tipo de matéria logo recebeu a alcunha de “Entrevista *Rolling Stone*”. Ademais, o fato de os seus jornalistas e críticos musicais darem um tratamento ao Rock de legítima manifestação artística e movimento cultural e encararem os músicos desse gênero musical como verdadeiros artistas foi essencial para a diferenciação da revista. Àquela época, durante os anos de 1950 e 1960, entre muitas publicações jornalísticas e críticos de arte, o Rock ainda era visto no campo musical como um gênero menor do que outros tradicionais como o *Blues*, o *Jazz* e o *Country*, e no espectro cultural como uma moda passageira e sem futuro da juventude rebelde.

³ <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/45-anos-de-historia/#imagem0>>.

Nomes como Hunter Stockton Thompson⁴, escritor pioneiro do chamado jornalismo gonzo, e a fotógrafa Annie Leibovitz⁵ que fizeram parte da equipe da revista, ajudaram a consolidar o seu prestígio durante esses anos. Thompson escrevia artigos para a seção de política e também foi o autor de reportagens em que participava ativamente dos fatos que cobria, escrevendo em primeira pessoa de maneira subjetiva como um personagem dos acontecimentos, muitas vezes sob a influência de bebidas alcoólicas e drogas e sem a pretensão da busca da objetividade no relato da história. Ele continuou contribuindo com a publicação até a sua morte, no ano de 2005, e a sua prática do jornalismo gonzo foi um dos fatores que colaboraram para que a Rolling Stone se consagrasse como uma publicação jornalística de vanguarda. Já Leibovitz trabalhou na revista no período de 1970 a 1983, ocupando a posição de editora-chefe de fotografia a partir de 1973. As suas imagens e fotos que ilustraram as capas, reportagens e entrevistas da publicação ficaram conhecidas por capturarem de forma íntima e espontânea os músicos e as personalidades retratadas. O trabalho de Leibovitz desempenhou um importante papel para definir a tradição da Rolling Stone como um veículo de cobertura diferenciada da vida cultural norte-americana e mundial. Outro nome que deve ser citado pela sua importância durante essa “fase de ouro” do periódico é o de Lester Bangs⁶. Ele é um dos mais conhecidos e influentes críticos musicais, em especial de Rock, do jornalismo cultural norte-americano. Atuou como colaborador da revista de 1969 a 1973, iniciando sua carreira na publicação após responder a um anúncio veiculado pela própria Rolling Stone requisitando envios de resenhas musicais escritas pelos leitores. Durante sua passagem, Bangs destacou-se pelo estilo radical de crítica incisiva e mordaz nas suas resenhas e avaliações de músicos, bandas e discos. Seu trabalho também é creditado como sendo um dos responsáveis pela formação de um subgênero específico dentro do jornalismo musical, o “*Rock Journalism*” (iremos detalhar esse conceito no próximo capítulo deste trabalho). Durante esse período, a popularidade da revista era tão grande que em novembro

⁴ Hunter Stockton Thompson (18/07/1937 – 20/02/2005), escritor, seu livro mais conhecido “Medo e Delírio em Las Vegas” (1971) é fruto de uma série de artigos publicados na revista Rolling Stone.

⁵ Anna –Lou “Annie” Leibovitz (02/10/1949), fotógrafa, especializada em retratar artistas, celebridades e personalidades da mídia e cultura norte-americana. Além da Rolling Stone, colaborou com publicações como Vanity Fair e Vogue.

⁶ Leslie Conway “Lester” Bangs (14/12/1948 – 30/04/1982), jornalista e escritor, durante sua carreira trabalhou para revistas como Creem, The Village Voice, Penthouse, Playboy e New Musical Express.

de 1972 a banda Dr. Hook & the Medicine Show lançou uma canção chamada “*The Cover of Rolling Stone*” (A Capa da Rolling Stone, em português), em que expressava o seu desejo de obter fama e sucesso aparecendo na capa do periódico. Inclusive, em março de 1973, o conjunto alcançou esse marco, sendo representado na capa por uma caricatura dos seus integrantes.

A partir de 1977, com o crescimento da publicação, os escritórios da Rolling Stone se mudam e passam a funcionar em uma das maiores e mais importantes metrópoles mundiais, Nova York. À época, questionado pelo jornal local *San Francisco Chronicle* sobre a mudança, Wenner⁷ (1977 *apud* TEMPLE (2009)) justificou-a declarando que a cidade natal da revista havia se tornado “um remanso provincial e cultural”. No entanto, a imprensa de San Francisco apontou que a mudança também teve motivações econômicas, com a publicação se aproximando dos anunciantes e das maiores agências norte-americanas de propaganda e publicidade localizadas em Nova York, grandes geradoras de receitas para a revista. Durante as décadas de 1980 e 1990, a Rolling Stone passou a ampliar a sua cobertura da indústria de entretenimento abrindo um espaço crescente para matérias sobre produtos de mídias massivas modernas como grandes produções do cinema e programas e shows de televisão.

O jornalista e escritor Tom Wolfe⁸ também se tornou um dos nomes de destaque da equipe da revista publicando diversos textos literários durante essas duas décadas. Conhecido por ser um dos criadores do *New Journalism*, o estilo que utiliza técnicas narrativas literárias na construção de matérias e reportagens jornalísticas, Wolfe começou a participação na Rolling Stone em 1984. De julho daquele ano até agosto de 1985, ele publicou em cada edição quinzenal da revista um capítulo de uma série de textos em que retratava a obsessão e a disputa por poder e dinheiro na sociedade nova-iorquina da época. Após o sucesso da empreitada, a série foi reorganizada em forma de livro em 1987, dando origem ao primeiro romance de Wolfe: o aclamado *best-seller* “*The Bonfire of The Vanities*” (“A

⁷ <<http://www.sfgate.com/business/article/Rolling-Stone-closes-last-S-F-office-3164870.php#photo-2297424>>.

⁸ Thomas Kennerly "Tom" Wolfe, Jr. (02/03/1931), jornalista e escritor, reconhecido por sua ligação com o movimento do *New Journalism*, trabalhando como repórter durante as décadas de 1960, 70 e 80 e pelos seus livros de ficção, lançados no final da década de 1980 e nos anos 90 e 2000.

Fogueira das Vaidades”). Em dezembro de 1996, ele voltou a publicar nas páginas da Rolling Stone uma nova história bem sucedida junto ao público e a crítica, dividida em uma série de duas partes, a novela literária “*Ambush at Fort Bragg*” (“Emboscada no Forte Bragg”), onde narra a história de um jornalista tentando descobrir a verdade sobre a investigação de um caso de assassinato em uma base militar.

Embora já existisse uma versão australiana da publicação desde o início da década de 1970, os anos 90 também viram uma grande expansão da revista em escala global, com o lançamento de várias edições locais. Na América Latina, por exemplo, desde 1998, a Rolling Stone circula com edição nacional na Argentina, no Chile e no México, além de uma edição única distribuída para Colômbia, Venezuela e Equador. Nesse mesmo período, países europeus como Alemanha e Espanha também passaram a contar com uma versão própria da revista.

Já nos anos 2000, a publicação também começou a abordar temáticas voltadas para um público de faixa etária mais jovem, os adolescentes, trazendo conteúdos mais direcionados e segmentados para cada sexo, falando sobre assuntos pertinentes à moda, ao mundo das celebridades, à tecnologia e ao consumo de produtos eletrônicos. Além disso, com o trabalho de jornalistas como Matt Taibbi⁹ e Michael Hastings¹⁰, a cobertura política e econômica se expandiu, passando a acompanhar crises mundiais financeiras de empresas multinacionais e de grandes bancos e também a relatar conflitos militares e sociais em diversos países. Nessa década, a revista também gerou grande repercussão entre os leitores lançando as suas primeiras edições especiais, consistindo em listas e rankings com temas relacionados ao mundo da música. As compilações como “Os 500 melhores discos de todos os tempos”, “As 500 melhores canções de todos os tempos”, “Os 100 maiores guitarristas de todos os tempos” e “Os imortais de Rolling Stone: os 50 maiores artistas de todos os tempos”, elaboradas conjuntamente entre os seus editores, repórteres e críticos musicais reafirmam a importância da revista nesse

⁹ Matthew "Matt" Taibbi (02/03/1970), jornalista, colunista e escritor, especializado na cobertura política, financeira, e esportiva para as publicações Rolling Stone, Men's Journal, New York Sports Express.

¹⁰ Michael Mahon Hastings (28/01/1980 – 18/06/2013), jornalista, foi colaborador e editor da Rolling Stone, realizando entrevistas e escrevendo perfis de figuras importantes do governo norte-americano. Também foi reconhecido pela sua cobertura da Guerra do Iraque nos anos 2000.

meio cultural. Além disso, anualmente, nos números de janeiro, o periódico apresenta a sua eleição dos 50 melhores discos e das 50 melhores canções lançados no ano anterior.

Ao longo de mais de quatro décadas de existência a Rolling Stone foi responsável por ajudar a moldar a cobertura especializada no jornalismo musical e, em parte, no jornalismo cultural, conquistando grande popularidade e reconhecimento internacional. Atualmente, a revista é uma referência jornalística mundial, apontada como um dos maiores veículos de comunicação impressos sobre música, cultura popular e política. De acordo com o seu site oficial¹¹, além da edição quinzenal norte-americana, que conta com uma tiragem de um milhão e quatrocentos mil exemplares, hoje a Rolling Stone está presente em mais de 15 países, com versões próprias publicadas, além dos países anteriormente citados, em localidades como Brasil, Itália, França, Japão, China, Rússia, Turquia, Índia e África do Sul, atingindo uma marca estimada de mais de 20 milhões de leitores ao redor do planeta.

2.2 Breve Histórico do Rock and Roll no Brasil entre a década de 1960 e início dos anos 70

Nesta parte do trabalho, o objetivo é contextualizar o rock and roll nacional dentro do panorama mundial nos anos que precederam a chegada da Rolling Stone no Brasil. Para isso, utilizamos como base a recapitulação feita pelo jornalista Rafael Saldanha em seu trabalho sobre o jornalismo de rock no Brasil (2005).

Saldanha (2005) lembra que, embora o rock tenha começado nos Estados Unidos na metade dos anos 50, a produção nacional, ainda que de maneira bastante tímida como ressalta o autor, só surgiu no final dessa mesma década. Inicialmente, o rock brasileiro, denominado na época como o “iê-iê-iê”, era baseado em versões em português para sucessos originalmente ingleses, italianos e estadunidenses.

¹¹ <<http://www.rollingstone.com/>>.

Esse estágio primitivo do iê-iê-iê ainda não possuía muita força nas paradas de sucesso, mesmo já tendo alguns poucos artistas grande carisma como, por exemplo, a cantora Celly Campelo. Saldanha (2005, p. 15) afirma que “o rock nacional só veio a aparecer com a força que já possuía no exterior com a segunda fase do iê-iê-iê, que recebeu o nome de Jovem Guarda”.

O autor considera que “a Jovem Guarda tinha tudo para ser um modismo passageiro, não fosse o programa de televisão que lhe deu o nome”. O programa televisivo, também batizado de Jovem Guarda, realizou a sua estréia oficial no dia cinco de setembro de 1965, sendo capitaneado pelo cantor Roberto Carlos. Posteriormente ele dividiu o comando da atração com os também cantores Erasmo Carlos e Wanderléa. O objetivo do programa exibido pela TV Record era ser uma alternativa às transmissões ao vivo de jogos de futebol, que na época haviam sido proibidas. Como reforça Saldanha, a iniciativa acabou por alavancar o até então considerado inofensivo movimento musical ao ponto de sua popularidade começar a incomodar nomes já consagrados da Música Popular Brasileira (MPB), como a cantora Elis Regina:

(...) aconteceu na área da música pop o crescimento do rock, numa forma aqui denominada iê-iê-iê, o que originaria o fenômeno Jovem Guarda. Popularizado a partir do final da década de 1950 pelos pioneiros Sérgio Murilo, Tony e Celly Campelo, entre outros, o prestígio do iê-iê-iê atingiu o auge no triênio 1965/67. Estes anos corresponderiam à duração de um programa de televisão – comandado pelo cantor Roberto Carlos, coadjuvado pelo parceiro Erasmo Carlos e a cantora Wanderléa – que daria nome ao movimento e seria o seu principal divulgador. Sustentada pelo entusiasmo de milhares de admiradores, adolescentes na maioria, que fizeram de Roberto Carlos o seu ídolo, a Jovem Guarda consagrou um numeroso grupo de artistas, cujas carreiras não resistiram ao declínio do iê-iê-iê. (MELLO & SEVERIANO, 1998 *apud* SALDANHA, 2005).

No entanto, mesmo sendo classificados como artistas “rebeldes” para a sociedade brasileira da época, os ídolos da Jovem Guarda – como os cantores Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Ronnie Von – eram bem mais comportados do que sua contrapartida norte-americana. As letras das canções tratavam de um amor romântico idealizado assim como havia sido nas primeiras gerações do rock

estrangeiro, mas com um atraso de quase dez anos em relação à música internacional. Visualmente, a moda era muitas vezes extravagante, mas ainda incluía os aceitáveis terninhos e roupas mais comportadas. Já musicalmente, embora incluísse a presença da guitarra elétrica, esta tinha pouca distorção e, em muitas vezes, era encoberta pelo teclado ou outros instrumentos.

Saldanha (2005, p. 16) reconta que a partir de 1967, Elis Regina (que também comandava um programa de televisão, “O fino da Bossa”, programa este que viria a ser cancelado ainda naquele mesmo ano) “declarou guerra ao iê-iê-iê, em nome de uma suposta proteção dos valores nacionais. Vários nomes de peso aderiram a essa campanha, como Geraldo Vandré e Edu Lobo”. E, no meio dessa disputa, alguns dos fundadores do então recém-criado movimento tropicalista, como o cantor Gilberto Gil, foram pressionados a tomar partido. O autor ressalta que esse clima de animosidade na música brasileira acabou atingindo o seu ápice no dia 17 de julho de 1967, resultando em um episódio conhecido como “passeata contra as guitarras”, quando vários artistas marcharam contra a invasão da música estrangeira no país.

O marco final do iê-iê-iê brasileiro pode ser considerado a saída do já muito popular Roberto Carlos do programa de televisão Jovem Guarda, ocorrida em janeiro de 1968. De acordo com Saldanha, sem poder contar com a presença do então intitulado “rei da juventude”, a atração televisiva minguou e não resistiu muitos meses. Tal período também coincide com o ápice do movimento tropicalista.

Os artistas baianos Gilberto Gil, Caetano Veloso e Gal Costa foram os principais líderes do tropicalismo. Apesar de adotar um discurso que para muitos, ao primeiro encontro, soava ufanista, a Tropicália possuía como sua proposta principal uma música brasileira considerada mais universal, sem condenar o uso de guitarras elétricas ou até mesmo a inclusão de influências estrangeiras. O autor aponta para o fato de que é das fileiras desse movimento que emerge um dos grupos de rock mais importantes da história da música brasileira: Os Mutantes.

A banda Os Mutantes (ou simplesmente “Mutantes”, como foi chamada após o lançamento do segundo disco) contava com Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias em sua formação e lançou o seu álbum de estréia em 1968. O grupo logo se

destacou do rock que vinha sendo feito na época e conquistou notoriedade devido às suas letras irreverentes, porém mais maduras, e pela sintonia que sua música possuía em relação ao que estava sendo feito simultaneamente em outros países do mundo. Para Saldanha (2005, p. 17) “não seria exagero dizer que foram Os Mutantes que ‘acertaram’ o cronograma do rock nacional com o que era feito no resto do mundo, trazendo a psicodelia, o experimentalismo e até mesmo, em sua fase pós-1974, o rock progressivo”. Ele também ressalta que a banda paulista não se desligava de suas raízes brasileiras, e, dessa forma, conseguia manter o seu vínculo e identificação com o tropicalismo. Além disso, o grupo foi responsável por revolucionar as técnicas de gravação conhecidas na época, utilizando-se desde métodos artesanais e experimentais, como o uso de objetos do dia a dia para realizar a percussão no lugar de instrumentos tradicionais, até a adoção de avançados recursos de estúdio, como a multiplicação de vozes. O último disco dos Mutantes dessa que é considerada pela crítica especializada como a sua melhor fase (por ainda contar com a sua formação inicial) foi lançado em 1972, mesmo ano em que a revista Rolling Stone brasileira começava a surgir.

2.3 Rolling Stone no Brasil: a primeira experiência

A Rolling Stone chegou ao Brasil pela primeira vez em novembro de 1971, com lançamento da sua edição inaugural (chamada de “edição número zero”) trazendo entre os destaques, na capa, a cantora baiana Gal Costa.

Editada no Rio de Janeiro, a redação nacional era chefiada pelo jornalista Luiz Carlos Maciel. Ele era conhecido no meio jornalístico da época por ser o responsável pela coluna de contracultura “*Underground*”, publicada no periódico “O Pasquim” de 1969 a 1971. Maciel também era dramaturgo, roteirista de cinema, filósofo, poeta e escritor, e pela sua página no Pasquim apareciam assuntos como marxismo, hinduísmo, metafísica, cultura hippie, vida em comunidade, revolução sexual, shows de rock, nova percepção da realidade por meio do uso de drogas entre outros temas classificados de forma geral como pertencentes à contracultura.

Sobre a sua saída do Pasquim, pouco antes de assumir a editoria da Rolling Stone, ele comenta que:

A coluna “Underground” sumiu do Pasquim quando Tarso de Castro foi alijado do cargo de editor-chefe e substituído por seu desafeto Millôr Fernandes. Millôr detestava essa história toda de contracultura, cabeludos, rock e, principalmente, baianos tropicalistas. A “Underground” foi descartada e eles fizeram até uma campanha contra os “bahunos”, que era como chamavam Caetano e Gil. Os caras do Pasquim eram muito conservadores, embora desaforados. (MACIEL, 1973 *apud* ROCHA, 2006).¹²

De acordo com o jornalista e crítico musical da Rolling Stone brasileira atual Antônio do Amaral Rocha (2006)¹³, em texto publicado na página eletrônica da revista na Internet, “A aventura no Brasil começou com um físico nuclear inglês, Mick Killingbeck, que após visitar o país a trabalho, [...] adquiriu os direitos de publicação da Rolling Stone por aqui e convidou Maciel a entrar no barco”. Killingbeck, que apesar de ter vindo ao Brasil trabalhar com pesquisa em física, era apaixonado por Rock e decidiu se estabelecer no país para financiar o lançamento do projeto da versão nacional do periódico. Para Luiz Maciel (1973 *apud* Rocha, 2006) foi "Mick Killingbeck quem inventou a Rolling Stone brasileira. Ele negociou os direitos da revista americana e, depois de sondar o mercado, me escolheu pra editá-la por causa de minha coluna no Pasquim".

A equipe ainda contava os jornalistas Ana Maria Bahiana¹⁴, Ezequiel Neves¹⁵, Rose Marie Muraro¹⁶, Tárík de Souza¹⁷, entre outros. Nomes como Jorge Mautner¹⁸

¹² <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/1/a-primeira-versao#imagem0>>.

¹³ <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/1/a-primeira-versao#imagem0>>.

¹⁴ Ana Maria Pereira Bahiana, jornalista cultural, já escreveu para Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, O Globo e Jornal do Brasil. Atualmente mantém um *blog* no portal da Internet, UOL (<http://anamariabahiana.blogosfera.uol.com.br/>).

¹⁵ Ezequiel Neves (29/11/1935 – 07/07/2010), jornalista e produtor musical, colaborou com a Rolling Stone e foi produtor na gravadora Som Livre, onde trabalhou em parceria com o cantor Cazuza e com a banda Barão Vermelho.

¹⁶ Rose Marie Muraro (11/11/1930 – 21/06/2014) escritora, intelectual e ativista de movimentos feministas nos anos 1970.

¹⁷ Tárík de Souza Farhat (19/11/1946), jornalista e crítico musical, escreve para o Jornal do Brasil e produz e apresenta o programa “MPBambas” e pauta o programa “O Som do Vinil” no canal Brasil de televisão.

¹⁸ Henrique George Mautner “Jorge Mautner” (17/01/1941) cantor, compositor e escritor, reconhecido violonista da Música Popular Brasileira (MPB) e do movimento Tropicalista.

e José Carlos Capinam¹⁹, artistas, músicos e poetas, e Lapi²⁰, cartunista e artista gráfico, também contribuíram com a publicação. Impressa em papel jornal, o conteúdo da revista, feito em parte com material como reportagens e colunas traduzidas da original norte-americana, e em outra com textos originais da redação brasileira, passava por música estrangeira e nacional além de abordar temas como festivais, teatro, literatura, cinema e comportamento. Pelas suas páginas passaram reportagens, entrevistas e resenhas de artistas como Caetano Veloso, Chico Buarque, Tom Jobim, Luiz Gonzaga, Hermeto Pascoal, Jards Macalé e Nelson Cavaquinho. Antônio Rocha (2006)²¹ lembra que “com a Rolling Stone aprendemos uma forma mais descontraída de pensar, escrever, falar e nos relacionar. Ler a revista era estar antenado com o mundo, não importava onde você estivesse”. Se a original norte-americana foi forjada em meio a contracultura que surgia naquele país no final dos anos 1960, a Rolling Stone nacional era um veículo de comunicação fruto da resistência ao governo da ditadura militar então vigente no Brasil. Como ressalta Rocha:

Apesar da ditadura em que vivíamos, a revista divulgava assuntos que faziam a nossa cabeça. Seus 30 mil leitores, se tanto (eu entre eles), sentiam-se vingados da “gorilada” que queria fazer o Brasil marchar em ordem unida. Não vivíamos apenas de sexo, drogas e Rock’n’Roll, pode crer. (ROCHA, 2006).²²

No final de 1972, entretanto, a Rolling Stone passou a enfrentar grandes problemas. Maciel explica a situação em que a publicação se encontrava:

A revista americana cobrava *royalties* que nunca foram pagos. Depois de não sei quantos meses, eles pararam de nos mandar material, fotos e textos que vinham todas as quinzenas. A partir daí, tínhamos que simplesmente roubar - o que não nos incomodava, pois éramos alternativos e acreditávamos na propriedade coletiva de tudo. (MACIEL, 1973 *apud* ROCHA, 2006).²³

¹⁹ José Carlos Capinam (19/02/1941) poeta, músico e letrista, ligado ao movimento Tropicalista.

²⁰ Luiz Antônio Pires “Lapi”, além de cartunista também foi poeta, publicou suas charges no Jornal do Brasil, Pasquim e criou a revista Cordel Urbano.

²¹ <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/1/a-primeira-versao#imagem0>>.

²² <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/1/a-primeira-versao#imagem0>>.

²³ <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/1/a-primeira-versao#imagem0>>.

Por idéia do ilustrador e editor de arte, Lapí, a Rolling Stone passou a circular com a palavra “pirata” estampada na capa logo abaixo do logotipo. Para Maciel (1973 *apud* Rocha, 2006) a atitude foi “uma confissão, a pirataria era um valor positivo na contracultura”.

Com dificuldades de distribuição e de manter a sua regularidade, durante a sua publicação, a revista alternou entre a periodicidade quinzenal e semanal, o empreendimento terminou no início de 1973. Foram 36 edições publicadas ao longo da existência da primeira versão da Rolling Stone brasileira, sendo que o último número foi lançado no dia 5 de janeiro de 1973.

2.4 Breve panorama do rock brasileiro entre os primeiros anos da década de 2000

Assim como foi feito anteriormente, esta parte do trabalho tem como proposta fazer uma brevíssima contextualização da música rock brasileira que era produzida nos primeiros anos do século XXI, mais precisamente de 2000 a 2005, época imediatamente anterior ao lançamento da segunda versão nacional da Rolling Stone. Novamente, para isso, utilizamos como referencial a recapitulação feita pelo jornalista Rafael Saldanha em seu trabalho sobre o jornalismo de rock no Brasil (2005).

Dentro da música popular brasileira, a transição entre o ano de 1999 para 2000 ficou marcada pelo sucesso de uma canção que falava de amor combinando uma letra fácil com uma melodia assoviável. Tal música, intitulada “Anna Júlia”, elevou ao estrelato a banca carioca “Los Hermanos”, ficando entre as mais tocadas no país durante o ano. Apesar disso, Saldanha destaca que o reconhecimento artístico e da crítica só foi possível graças ao segundo disco do grupo, “O bloco do eu sozinho”, lançado em 2001. A partir desse trabalho, com uma guinada bastante radical em sua sonoridade, o Los Hermanos passou a fazer um rock com grandes influências do samba, bossa nova, e de discos da década de 1970 como os do

compositor Chico Buarque. Devido as suas letras de forte carga poética e seu som agradável, a banda consolidou o seu sucesso junto ao público e também a crítica especializada, tornando-se bastante cultuada entre seus fãs. Já em 2003, Los Hermanos lança o seu terceiro álbum, “Ventura”, que também foi bem recebido e elogiado, o que colaborou na época, segundo Saldanha (2005, p. 32), a “estabelecer o grupo como o nome mais forte do rock brasileiro do novo século”.

Simultaneamente ao êxito do Los Hermanos, outro estilo musical começou a fazer sucesso nacionalmente. O novo gênero musical foi denominado de “emocore”, sendo, em termos musicais, bastante assemelhado ao “rock hardcore”, mas tendo a principal diferença na temática de suas canções, com letras que falam de amor e relacionamentos. O emocore, ou como foi popularizado, com a alcunha reduzida de “emo”, teve como maiores expoentes no Brasil durante a época, bandas como a paulistana CPM22 e a carioca Detonautas Roque Clube.

O autor também lembra que, em 2003, o rock retornou as paradas de sucesso das rádios brasileiras com o sucesso da cantora baiana Pitty, que chegou a marca de mais de 150.000 cópias vendidas do seu disco de estréia realizado através de uma gravadora independente. O lançamento de um DVD e do seu segundo álbum em 2005 mantiveram a cantora na proeminência da cena musical roqueira nacional.

Outro fato de grande importância para o rock brasileiro ocorreu em 2004, quando de acordo com Saldanha:

“o mercado fonográfico pela primeira vez em dez anos apresentou alta impulsionado pelo crescimento de gravadoras pequenas como a “Deckdisc” (gravadora que lançou Pitty e que teve um crescimento de 50% naquele ano) e a “Indie Records” (que teve o crescimento de 600%). (SALDANHA, 2005, p. 33).

Durante os dois últimos anos daquele período, 2004 e 2005, foi perceptível uma mudança no direcionamento da música feita e consumida pela juventude brasileira com a ascensão do “Rap”, de maneira parecida com a que já havia acontecido ao mesmo gênero musical no final da década de 1990 nos Estados

Unidos. As principais bandas desse estilo musical, entre elas “Racionais MC’s”, “Planet Hemp” e “Pavilhão 9” obtiveram um sucesso segmentado, com muitas delas alcançando destaque através de uma sonoridade que apostava na fusão do rock com elementos da cultura “Hip-Hop”. Saldanha destaca que no final de 2005, o vocalista do grupo carioca Planet Hemp, Marcelo D2, graças a uma bem sucedida carreira solo pode elevar-se ao status de primeiro ídolo pop oriundo do movimento Hip-Hop do novo milênio no Brasil.

2.5 A Rolling Stone no século XXI: a volta da edição brasileira

Em 2006, mesmo ano em que a original norte-americana comemorou o lançamento de seu milésimo número, surgiu a segunda versão da edição brasileira da revista Rolling Stone. Estreando em outubro daquele ano, com a modelo gaúcha Gisele Bündchen na capa, e adotando o slogan de “maior e mais importante revista de entretenimento do mundo”, a Rolling Stone nacional é publicada desde o primeiro número pela editora Spring. A editora é uma empresa do grupo Spring de Comunicação, fundado em 2003 por José Roberto Maluf²⁴ e Miguel Civita.

Assim como a edição dos anos 1970, a revista brasileira segue a mesma linha editorial da versão original e apresenta tanto conteúdo traduzido de sua matriz norte-americana como conteúdo produzido pela redação nacional. Segundo o site oficial da editora, a Rolling Stone nacional além de ter “a música como carro-chefe editorial, aborda ainda comportamento, entretenimento, moda, consumo, tecnologia e crítica sócio-política”. Dessa forma, se percebe que desde o seu lançamento, a nova versão da edição brasileira se espelha na mesma gama diversificada de assuntos e interesses cobertos pela Rolling Stone dos EUA (os temas fundamentais que a publicação se propõe a apresentar em suas páginas serão retomados no capítulo seguinte).

²⁴ José Roberto Maluf, empresário, comanda o Grupo Spring de Comunicação. Além de *Publisher* da Rolling Stone Brasil, ele também está a frente das publicações AméricaEconomia, Docol Magazine, Revista OAS e Day-by-Day. Foi executivo dos canais de televisão SBT e Bandeirantes.

Em seu primeiro ano de existência, a revista recebeu o 20º Prêmio Veículos de Comunicação, premiação promovida pela Academia Brasileira de Marketing, na categoria Lançamento do Ano. Já em 2007, ganhou o 21º Prêmio Veículos de Comunicação, na categoria Revista Jovem e o 3º Prêmio Anatec de Mídia Segmentada, promovido pela Associação Nacional das Editoras de Publicações, na categoria Lançamento do Ano. Também foi finalista do Prêmio Caboré de 2008, na categoria Veículo de Comunicação de Mídia Impressa. A publicação voltou a vencer a categoria Revista Jovem do Prêmio Veículos de Comunicação em 2009, 2010 e 2011. Ainda de acordo com o site da editora Spring, a Rolling Stone brasileira possui periodicidade mensal, tiragem de setenta e cinco mil exemplares e distribuição em todo o território nacional. Atualmente, conta com a jornalista Bruna Veloso como editora-chefe, além de nomes como Pablo Miyazawa, Antônio do Amaral Rocha, Miguel Sokol, Paulo Cavalcanti, Stella Rodrigues e Pedro Antunes na equipe.

Seguindo a tradição recente da Rolling Stone norte-americana, a revista brasileira também tem se dedicado a publicação de ranking e listas de artistas nacionais. Lançados anualmente no número de aniversário, a edição de outubro, as compilações apresentam temas como “Os 100 maiores artistas da música brasileira”, “As 100 maiores músicas brasileiras”, “As 100 maiores vozes da música brasileira” e “Os 100 maiores discos da música brasileira” e são elaboradas com a participação de não apenas jornalistas e especialistas da Rolling Stone, mas de veículos de toda a imprensa nacional. A Rolling Stone nacional também publica anualmente, em seu número de janeiro, a eleição dos 50 melhores discos e das 50 melhores músicas lançados durante o ano imediatamente anterior.

No próximo capítulo serão apresentadas as bases teóricas e conceituais adotadas nesse trabalho e que contextualizam a representação da Rolling Stone como um veículo integrante e representativo do universo do jornalismo cultural e musical.

3 BASES TEÓRICAS

O presente capítulo busca apresentar e detalhar conceitos chave que se relacionam diretamente com o objeto de estudo dessa pesquisa e sustentam nosso trabalho. Se quando falamos na Rolling Stone, estamos lidando com os gêneros jornalísticos que acompanham os campos da cultura, da música e do *Rock and Roll*, é imprescindível empregarmos o esforço de apresentar o que entendemos por jornalismo cultural, musical e de rock.

Portanto, é preciso, após a apresentação do histórico da publicação feita no capítulo anterior, trabalhar com uma delimitação conceitual de tais termos. Porém, primeiramente, vamos abordar, ainda que de maneira breve, a origem e a evolução histórica do termo mais representativo associado ao nosso estudo: a cultura.

3.1 Conceituando Cultura

Pretendendo-se abordar uma reflexão sobre o que constitui de fato o jornalismo cultural, é preciso, antes de tudo, buscar uma conceituação e estabelecer o que queremos transmitir quando utilizamos a palavra cultura. De tal forma, é imperioso, ao se abordar o campo do jornalismo cultural, buscarmos um aprofundamento sobre o conceito de cultura que se consolidou durante a evolução histórica da atividade jornalística. Pois como ressalta Rivera (*apud* GLORIA, 2011), o jornalismo cultural desenvolveu-se corroborando distintas visões sobre o conceito de cultura.

No entanto, a amplitude e a generalização de aspectos que a menção do termo cultura implica, torna essa tarefa um exercício de difícil precisão. Tomamos como ponto de partida a noção antropológica trazida por Núdia Guerra em seu trabalho sobre Jornalismo Cultural na internet (2005) que cita o autor Roque de Barros Laraia. Laraia (*apud* GUERRA, 2005) considera a cultura como tudo aquilo que é produzido pelo pensamento ou pela ação humana e transmitido para as

gerações posteriores. Dessa forma, essa visão abrange crenças, valores, hábitos, modos de comportamento, teorias, objetos, obras de arte.

A partir disso, podemos lançar mão de outra perspectiva, aquela que como aponta Nudia Guerra (2005, p. 28) utiliza a palavra cultura em sobreposição ao termo civilização “para descrever um processo geral de desenvolvimento humano, de tornar-se ‘culto’ ou ‘civilizado’”. A autora aponta essa posição na obra *Ideologia e Cultura Moderna*, de Josh Thompson, que a define como resultado de um processo evolutivo que a palavra cultura sofreu durante o século XX. Por conseguinte, o autor se refere a Tylor que explica que:

Cultura ou Civilização, tomada em seu sentido etnográfico amplo, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade. (TYLOR *apud* THOMPSON, 1995, p. 171).

Apesar disso, para determinados autores, o termo está relacionado a épocas ainda mais antigas, como define Norval Baitello Junior:

A amplitude e a complexidade do conceito “cultura” já estão registrados em suas remotas origens. O substituto latino “cultura” significa, em seu uso primeiro e mais concreto, cultura agrícola, plantação, cuidados requeridos pelo cultivo [...]. Transposto à esfera humana e, agora, em sentido figurativo, vai significar a cultura do espírito [...], a formação intelectual do homem por meio da filosofia, da ciência, da ética e da arte. (BAITELLO *apud* IASBECK, 2004, p. 16).

Guerra (2005, p. 28) também acrescenta que “nesta visão, a cultura faz parte de um conjunto de diferenciações que associam, ao homem, o conceito de ser superior, uma vez que é uma característica própria da raça humana”. De acordo com outro autor desse campo de estudo, Ivan Bystina, citado por Guerra, a cultura é parte integrante de uma espécie de “segunda realidade”. Tal conceito é composto pela troca de informações simbólicas, criativas e imaginativas, e vem a ser acrescentado a uma chamada “primeira realidade”, que corresponderia aquela físico-biológica e social, de trocas instrumentais e utilitárias. Para Bystina (*apud* GUERRA, 2005) somente ao fazer uso efetivo da cultura, ou seja, utilizando os

artifícios disponibilizados pela segunda realidade, é possível resolvermos problemas e questões típicas da primeira. Como exemplos dessa afirmação, Guerra (2005, p. 29) cita “as fantasias religiosas e/ou artísticas que permitem ao homem superar a questão da morte, problema da primeira realidade que mais o aflige, desde tempos imemoriais”.

A autora também lembra que de acordo com Lasbeck (apud GUERRA, 2005), o entendimento do conceito de cultura parte do princípio que diz que “toda atividade humana referente ao processamento, à troca e à conservação de informação possui uma certa unidade”. Tal colocação corrobora o posicionamento de quem defende que não é possível analisar o conceito de forma isolada, sendo o procedimento que devemos adotar então é um estudo aprofundado de características da sociedade no qual ela está inserida. Segundo Guerra, essa postura é fundamental para que seja, de fato, possível, apreender os valores transmitidos, assim como nos movimentos culturais, presentes em todas as diversas culturas e, a partir do qual, toda a rede se movimenta.

É preciso apontar que estas visões diferentes, mas que também são complementares, daquilo que vem a ser considerado como cultura, têm em comum o fato de serem consideravelmente abrangentes. Assim, como aponta a autora, o chamado “jornalismo cultural” tem por uma evidente tendência a opção por um conceito menos expandido e mais restrito do termo cultura, ou seja, aquele que se concentra nas atividades artísticas e no entretenimento. Afinal, se seguisse as noções mais generalistas, o jornalismo cultural “teria que cobrir a política, a economia, a ciência, os esportes, a agricultura, etc. Não se justificaria a existência de um caderno de cultura, pois praticamente todo o jornal seria dedicado a questões ditas culturais” (CUNHA *apud* GUERRA, 2005, p. 29).

Conforme ressalta Lasbeck (*apud* GUERRA, 2005), o jornalismo cultural volta o seu foco de cobertura em todos os movimentos culturais que permitem o diálogo com outras culturas, produzindo informações interna e externamente, ou seja, nos eventos de arte – sejam eles teatrais, cinematográficos, de artes plásticas, musicais, dentre outros – e que são relacionados ao desenvolvimento de uma arte ligada ao

caráter simbólico, sendo direcionados a um determinado grupo da população capaz de ser sensibilizado por tais acontecimentos.

Já a obra do crítico e fundador dos Estudos Culturais, Raymond Williams, *Palavras-chave* (2008), é apontada por remontar a origem da palavra cultura. Segundo esse autor, ela teria surgido no latim, a partir do verbo “*colere*”, e era relacionada às atividades agrícolas, de plantio e cultivo da terra. Ainda conforme ele, no século XVI, essa noção passou a ser estendida também para significar o cultivo do ser e do espírito através de uma educação, mesmo que, ainda em tal época, não possuísse autonomia o suficiente. Somente no fim do século XVIII, em países europeus como a França e a Inglaterra, um novo significado para expressão cultura foi sendo construído, dessa vez, passando a relacioná-la diretamente com o conceito de civilização,

[...] No sentido abstrato de um processo geral tornar-se civilizado ou cultivado; segundo, no sentido que já fora estabelecido para civilização pelos historiados do iluminismo, na popular forma setecentista das histórias universais, como uma descrição do processo secular de desenvolvimento humano. (WILLIAMS *apud* GLORIA, 2011, p. 13).

Para o autor, o movimento romântico do século XIX marca o ponto histórico em que o sentido de cultura começou a ser desenvolvido de maneira ampla “como alternativa ao ortodoxo e dominante termo civilização” (WILLIAMS *apud* GLORIA, 2011, p.13). Já a antropologia, no final do século XIX, passou a empregar a palavra cultura em uma posição de referência aos costumes de grupos populacionais distantes dos centros de referência localizados na Europa ocidental.

Conforme aponta Williams, essa mudança foi fundamental ao permitir que as sociedades ocidentais europeias comesçassem a entender a cultura como um processo que permeia todas as classes sociais e que é responsável por realizar uma descrição dos sistemas simbólicos de “um povo, um período, um grupo, ou da humanidade em geral” (WILLIAMS, *apud* GLORIA, 2011, p.13). Dentro dessa visão, a própria atividade jornalística é parte integrante do processo cultural.

Portanto, a imprecisão do conceito que se tem sobre o jornalismo cultural é resultante da própria polissemia existente em torno do conceito de cultura. De acordo com Gadini (*apud* GLORIA, 2011), a cultura não deve ser vista e analisada como algo hermético e pronto, pois, em realidade, ela é formada por variadas expressões de fatos, manifestações, atividades e valores culturais que recebem visibilidade e reconhecimento social através da publicação dos respectivos produtos midiáticos. É possível apontar para o fato de que o jornalismo cultural foi se consolidando baseado na difusão do pensamento intelectual e da produção artística, mostrando, dessa forma, uma ligação ao ideário iluminista (fazendo-se a ressalva de alguns cadernos de cultura que investiram na produção de reportagens que abordam temas da sociedade que não estão relacionados somente ao sistema artístico tradicional) (CANCLINI, 2007, WILLIAMS, 2000, *apud* GOLIN, CARDOSO, 2010, *apud* GLORIA, 2011).

Rivera (*apud* GLORIA, 2011), traz a perspectiva de que a amplitude ou a restrição adotada ao conceito de cultura pelo veículo jornalístico é responsável por também apontar as possibilidades temáticas para a cobertura da editoria. É notório que as concepções sobre uma conceituação da palavra cultura foram se modificando, e atualmente são abertas a comportar um variado espectro de acontecimentos, produtos, ideias e instituições que recebem a atenção da atividade jornalística, em veículos, publicações e cadernos específicos, além de se estender aos espaços midiáticos mais diversos.

Já a professora e pesquisadora Cida Golin (2007) defende que uma abordagem de uma panorâmica histórica pelo conceito de cultura e sua polissemia é decisiva para um estudo didático do jornalismo cultural. Para a autora,

[...] visualiza-se quanto o uso corrente do termo jornalismo cultural é lacunar; define por cultura aquilo que, nos veículos midiáticos, é destinado às manifestações artísticas, muitas vezes às variedades, pautado, sobretudo, pela marca do tempo de lazer. (GOLIN, 2007, p. 5).

Golin também lembra que de acordo com Cremilda Medina (2001, *apud* GOLIN, 2007), a conceituação do termo cultura que incorporou uma dimensão

antropológica no decorrer do século XX encontra pouca ressonância no campo de produção do jornalismo cultural. Ela considera que a cultura encontra-se inserida dentro do universo do sentido, com a produção, armazenamento, circulação, consumo, reciclagem, mobilização e descarte de significações e de valores e cita Meneses (1996, *apud* GOLIN, 2007), que defende a ideia de que a cultura é decorrente de ações sociais, de lutas de poder e de seleção.

Segundo ela, a cultura é capaz de abranger simultaneamente aspectos materiais como não-materiais, sendo realizada na realidade empírica da existência cotidiana:

[...] tais sentidos, em vez de meras elucubrações mentais, são parte essencial das representações com as quais alimentamos e orientamos nossa prática (e vice-versa) e, lançando mão de suportes materiais e não-materiais, procuramos produzir inteligibilidade e reelaboramos simbolicamente as estruturas materiais da organização social, legitimando-as, reforçando-as ou as contestando ou transformando. (GOLIN, 2007, p. 5).

Assim, como lembra Meneses (1996, *apud* GOLIN, 2007), é possível apontar para o aspecto de análise que mostra que antes mesmo de representar uma sofisticação ou um refinamento, a cultura alude a uma condição de produção e reprodução social.

Uma visão mais genérica de cultura que é explorada pela mídia corresponde a uma separação entre o cotidiano e a produção de obras artísticas, estéticas e culturais também é apontada por Golin. Para ela, tal ideia é integrante “da lógica das indústrias culturais, da circulação de objetos e da produção de necessidades desses próprios objetos” (GOLIN, 2007, p. 5). De tal forma, o segmento cultural é alocado no espaço de lazer da cobertura jornalística, dando prioridade à indicação para o uso do tempo livre. A autora ressalta esse aspecto ao lembrar que, de maneira intencional, os suplementos e cadernos de cultura dos veículos impressos circulam preferencialmente nas edições de fim de semana, dada uma suposta disponibilidade para períodos mais extensos de leitura por parte do público. Além disso, Meneses (1996 *apud* GOLIN, 2007), defende que essa é a mesma proposta institucional das chamadas casas de cultura que, aplicando a ideia de centro, traz consigo também à

de periferia, e acaba por não posicionar o conceito na totalidade da experiência social e sim reduzi-lo a alguns espaços privilegiados.

Ao abordar a divisão de trabalho adotada pelas empresas jornalísticas, a autora reforça que as editorias de cultura são circunscritas ao campo das manifestações artísticas. Para ela,

[...] o jornalista, situado no domínio da linguagem pragmática da comunicação, tangencia o universo poético que permite a comunicação do estranhamento, da ambiguidade, que investe na desautomatização dos processos perceptivos tornados naturais pelos indivíduos. (GOLIN, 2007, p. 6).

Portanto, Golin afirma que é necessário que questionemos sobre o diferencial da arte encontrado em um panorama contemporâneo que estetiza, de diferentes maneiras, a vida cotidiana. Um aprofundamento pela etimologia e pelas condições históricas de produção dos objetos artísticos configura para ela uma faceta a ser investigada. Para a autora um ponto de partida interessante para tal exercício, é encontrado em Muniz Sodré (1996), que utilizando como base o processo de abdução, definido por Pierce como um ato de visão profunda que sugere algo de novo ou criativo, enxerga arte da seguinte forma:

Arte, diríamos, é uma metáfora que se materializa. Ou seja, é um modo analogicamente intenso de ver e dar a ver, voltado para subtração do sujeito de seu isolamento egóico pelo contato com outras formas de realização do real. É, assim, uma metáfora de nossa experiência de sensibilidade radical (SODRÉ, 1996, apud GOLIN, 2007, p. 6).

Essa autora também traz os teóricos da estética da recepção, como Hans Robert Jauss (1994) e Wolfgang Iser (1996), que, privilegiando a relação dialógica que se configura entre o leitor (tanto implícito quanto explícito) e o texto, avaliam a experiência estética como uma situação comunicativa que estabelece noções que englobam prazer, transgressão e, conseqüentemente, conhecimento. Levando em conta a sua estrutura de apelo, com estruturas lacunares, a obra de arte, de maneira dialética, forma e renova a percepção do mundo que a circunda. Golin defende que a obra é dependente do leitor para a constituição de seu sentido e que “entre

perguntas e respostas, pode atravessar o tempo cronológico por meio da provocação reflexiva de suas múltiplas leituras” (2007, p. 6).

3.2 Conceituando Jornalismo Cultural e Musical

Ao remontar uma origem histórica do Jornalismo Cultural, muitos autores se posicionam em um ponto de vista que especula que a sua gênese seja praticamente paralela ao nascimento do próprio jornalismo. O jornalista Rafael Saldanha (2005), em sua obra sobre o jornalismo de rock em revista no Brasil, alega que apesar de tal atividade ter passado por diversas mudanças desde as origens, um importante aspecto relacionado à produção jornalística cultural é a perpetuação do interesse do público leitor ao longo das épocas pelas variadas formas de manifestação e movimentos originários da cultura. No entanto, com essa afirmação o autor nos traz a uma indagação lógica a quem se propõe estudar essa temática: “[...] ao longo dos anos uma questão vem se repetindo: quais as manifestações culturais que merecem espaço nos cadernos de cultura e revistas culturais?” (SALDANHA, 2005, p. 11).

Deparados com essa pergunta é possível apresentar uma série de respostas, se tivermos como referencial tempos ou lugares distintos. Para Saldanha, ao considerarmos o conceito antropológico de cultura, que diz ser esta tudo aquilo que é produzido pelo pensamento ou pela ação humana e transmitido para as gerações posteriores, é possível estendermos uma analogia que nos direciona para o entendimento que considera que todo jornalismo é cultural. Porém, o fato de que a mídia dedica-se à publicação de suplementos e cadernos exclusivos para a cultura nos jornais brasileiros e de revistas sobre cultura nos aponta à constatação de que não é exatamente esse o conceito que vem sendo adotado.

De acordo com o autor, é possível observar que o jornalismo cultural feito no país se tornou basicamente um divulgador de artes, comportamento e entretenimento. Ele lembra que “alguns chegam a cunhar o termo ‘Jornalismo da Indústria Cultural’, uma vez que esta parece ter se tornado a grande luz que norteia

os processos da produção dos cadernos de cultura do país” (SALDANHA, 2005, p.11). Para corroborar essa noção, ele cita Matinas Suzuki Junior, que defende que:

Artista e jornalista participam do circuito, em pontos diferentes da linha de montagem: um músico, um pintor, um escritor, dependem não só do seu próprio fazer, mas também da imagem que conseguem articular frente ao público. O jornalismo cultural, mesmo o mais independente, é o virtual complemento do mercado artístico, é algo que está fora e dentro da cultura. (SUZUKI JR, 1983, *apud* SALDANHA, 2005, p. 12).

Todavia, para Saldanha é importante que essa ideia não seja tomada sob a ótica da escola frankfurtiana, que segundo ele enxerga a Indústria Cultural e seus produtos, a chamada “Cultura de Massa”, como uma degeneração da arte, e, por conseguinte, entenderia que o Jornalismo da Indústria Cultural estaria trabalhando com uma arte considerada “menor”. Fazendo referência a essa percepção de degeneração da arte contida na Cultura de Massa, Edgar Morin entende que:

Os intelectuais atiram a cultura de massa nos infernos infraculturais. Uma atitude “humanista” deplora a invasão dos subprodutos culturais da indústria moderna. Uma atitude de direita tende a considerá-la como divertimento de hilotas, barbarismo plebeu. Foi a partir da vulgata marxista que se delineou uma crítica de “esquerda”, que considera a cultura de massa como barbitúrico (o novo ópio do povo) ou mistificação deliberada (o capitalismo desvia as massas de seus devidos problemas). (MORIN, 1997, *apud* SALDANHA, 2005, p.11).

Apesar disso, Saldanha reforça que o mesmo autor é crítico de tal noção ao dizer que “desdenha-se a cultura de massa nos lugares onde reinam os esnobismos estéticos, as receitas literárias, os talentos afetados, as vulgaridades convencionais” (MORIN, 1997 *apud* SALDANHA, 2005, p.11).

Debruçando-se especificamente na cobertura da música pelo campo de produção jornalística, Saldanha atesta que esse segmento sempre foi um elemento de destaque dentro do universo do jornalismo cultural, integrando-o juntamente com o teatro, a literatura, as artes plásticas e, de maneira posterior, o cinema. Ele afirma que no caso do Brasil, pode-se afirmar que o nascimento desse gênero denominado

de jornalismo musical “se dá junto com o surgimento do próprio jornalismo cultural, uma vez que os primeiros escritos a tratarem do assunto no país foram folhetins sobre ópera, ainda na primeira metade do século XIX” (SALDANHA, 2005, p. 12). Já sobre o jornalismo de música “pura”, que é representado principalmente pela crítica musical, o autor reforça que somente foi aparecer e ganhar notoriedade nos últimos anos do período imperial brasileiro, com os artigos de Oscar Guanabarin.

Uma adicional distinção feita por Saldanha, que é imprescindível de ser relatada quando do estudo teórico do jornalismo musical, é aquela que faz referência à separação entre a atividade jornalística de publicações que se propõem a discutir aspectos estéticos, políticos ou sociais do mundo musical, daquelas dedicadas a abordar os aspectos técnicos da música, como teoria musical ou *luthieria*²⁵. Esta ressalva é feita não com o propósito de descaracterizar esse segundo tipo de publicação enquanto jornalismo, mas é necessária para permitir um maior aprofundamento dentro do tema a ser pesquisado (SALDANHA, 2005).

Em seu trabalho sobre o jornalismo cultural na internet, Núdia Guerra também apresenta um panorama histórico e conceitual desse campo jornalístico. Logo de início, a autora nos apresenta a seguinte explicação:

Não é possível datar, com precisão, o nascimento do jornalismo cultural. Sua história, ainda assim, pode ser contada a partir de alguns fatos marcantes, como importantes publicações que atingiram notoriedade na época e, ainda hoje, servem como parâmetro para aqueles que buscam, nos dias atuais, a qualidade editorial e crítica vivida anos atrás. (GUERRA, 2005, p. 34).

Ela ressalta que, de acordo com um dos estudiosos mais conhecidos dessa temática, Daniel Piza (2003), um dos grandes marcos na trajetória do jornalismo cultural ocorreu no ano de 1711, em que os ensaístas ingleses Richard Steele e Joseph Addison lançaram a “*The Spectator*”, uma revista que possuía o propósito de divulgar a filosofia para além dos seus espaços tradicionais de estudo e debate,

²⁵ Luthieria é a atividade profissional desenvolvida por aquele que fabrica e constrói um instrumento musical de corda, o luthier. No Brasil, o profissional que realiza concertos e reparos nos instrumentos também é conhecido pelo mesmo nome. O termo luthieria é derivado do francês *lutherie* que é usado para designar a arte da construção de instrumentos de cordas.

como escolas, faculdades, gabinetes e bibliotecas, e aproximá-la de uma maior parcela da sociedade. De acordo com Piza, a iniciativa obteve sucesso, sendo discutida em mesas de café, clubes e casas durante o período de quatro anos em que circulou, e inclusive é utilizada como fonte de estudos em vários países até os dias atuais. Ele aponta que a revista apresentava suas matérias “num tom de conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível” (PIZA, 2003 *apud* GUERRA, 2005, p. 35) e assim colocava o seu público em contato com livros, óperas, festivais de música e teatro, costumes, política. Para Guerra (2005) esse exemplo é usado como indicador de que o jornalismo cultural pode ser considerado uma criação posterior ao Renascimento, e que todos os movimentos culturais posteriores a esse período são auxiliares na ascensão desse estilo jornalístico e, conseqüentemente, na aparição de diversos veículos importantes da sua história.

Guerra cita outras várias publicações europeias que se seguiram após o pioneirismo da *The Spectator*, *The Rambler*, *The Examiner* e *London Magazine*, sendo que foram classificadas como produtos de alto valor intelectual. De acordo com a autora, “numa época em que os críticos eram tratados como semideuses por seus seguidores, a Europa foi capaz de produzir muito daquilo que se considerava a verdadeira crítica cultural” (GUERRA, 2005, p. 35).

A partir do século XIX, o jornalismo cultural começa a ser produzido também nos Estados Unidos, num momento histórico em que a figura da crítica se expandiu no mesmo crescimento acelerado imposto pelo desenvolvimento industrial que, como lembra a autora, foi o responsável pelo sustento da produção para revistas e jornais. Ela reforça que foi naquele país que críticos e escritores como Edgar Allan Poe “atingiram renome internacional e se tornaram conhecidos até os dias de hoje” (GUERRA, 2005, p.35).

Já no caso brasileiro, Guerra afirma que o movimento cultural ganhou impulso em um momento mais tardio, no final do século XIX, com o surgimento de uma das maiores personalidades da nossa literatura: Machado de Assis. Ela aponta que a carreira dele iniciou na crítica literária e teatral e que essa característica foi comum a

outros autores brasileiros que também trabalharam com jornalismo cultural, como José Veríssimo, Sílvio Romero e Araripe Jr.

Especialmente nessa época, os críticos atuavam em diversas áreas da cultura e traziam em seus textos “comentários ferinos, misturando polêmica política, observação social e análise estética, de forma que as discussões iniciadas na Inglaterra tivessem repercussão em outros países, transformando o modelo jornalístico feito até então” (GUERRA, 2005, p. 36). Sobre esse momento específico do jornalismo cultural, Piza escreveu:

A arte moderna, enfim, já derrubava muros e o jornalismo cultural começara a se renovar. Até a virada para o século XX, o jornalismo era feito de escasso noticiário, muito articulismo político e o debate sobre livros e artes. Mas a modernização da sociedade transformou também a imprensa: o jornalismo moderno passou a dar mais importância para a reportagem, para o relato dos fatos, não raro sensacionalistas, e começou a se profissionalizar. Repórteres de política e polícia passaram a ser os mais importantes dentro das redações. O jornalismo cultural também “esquentou”: descobriu a reportagem e a entrevista, além de uma crítica de arte mais breve e participante. (PIZA, 2003, *apud* GUERRA, 2005, p. 36).

Dessa maneira, Guerra esclarece que foram as revistas que passaram a realizar uma importante função dentro do campo jornalístico cultural quando iniciaram o processo de se especializar progressivamente em ensaios, perfis, resenhas, entrevistas, reportagens, críticas e até publicações de contos e poemas. Segundo a autora, foram esses veículos os responsáveis por estimular a efervescência cultural originada de todos os movimentos característicos da época moderna, como o surrealismo, o futurismo e o imagismo. Para ela, as inovações foram bem sucedidas pois “tendo como representantes críticos mordazes e donos de uma densidade de pensamento, os autores conseguiam unir em seus textos, clareza e incisividade em suas argumentações, demonstrando a profundidade de seus conhecimentos” (GUERRA, 2005, p. 36).

Outro aspecto de grande importância para o histórico desse tema levantado pela autora é a influência que a política também passou a exercer no jornalismo

cultural. Nesse sentido, ela destaca as décadas de 1930 e 1940, anos em que Nova York, com o surgimento de publicações como *New Yorker* e *Partisan Review*, assumiu espaço como centro intelectual de referência mundial. Nesse mesmo período, a crítica, que é reconhecidamente uma das características fundamentais da produção do jornalismo cultural, viu-se adentrando um espaço crescente nos grandes jornais de circulação diária e nas revistas de notícias semanais.

No Brasil, durante o século XX, Guerra destaca que o espaço de tempo que é considerado como a grande época da crítica cultural brasileira inicia-se nos anos de 1940 e tem o seu auge demarcado até o final da década de 1960. Nomes exemplares como Aurélio Buarque de Hollanda e Carlos Drummond de Andrade iniciaram a sua atuação no jornalismo durante tal período. A autora também faz menção a outro marco histórico surgido na parte inicial dos anos 1960: o “Suplemento Literário”, veiculado pelo jornal “O Estado de São Paulo”. O encarte foi o responsável pelo estabelecimento de um modelo pioneiro que seria seguido, nos anos posteriores, por todos os cadernos literários, assim colaborando para o reconhecimento daquela década como um tempo notável do jornalismo cultural brasileiro.

Já na década de 1980, o destaque da autora vai para o caderno diário do jornal “Folha de São Paulo” denominado “Ilustrada”, que de acordo com ela “privilegiava a cultura jovem internacional, trazendo bons críticos, articulistas e colunistas, despertando cada vez mais a atenção do público” (GUERRA, 2005, p. 37). No entanto, ela afirma que, a partir dos anos de 1990, o interesse do público leitor e o peso dos textos de opinião entraram em queda, fatos que abriram espaço para as agendas de fim de semana. Guerra ressalta que outra característica marcante dessa década foi a presença de temáticas nos suplementos e cadernos de cultura que extrapolam as tradicionais “sete artes” (literatura, teatro, pintura, escultura, música, arquitetura e cinema), com pautas sobre design, gastronomia e moda.

Sob o viés de uma busca pela definição didática daquilo que seja jornalismo cultural, Cida Golin (2007) aponta que estudiosos como Rivera e Gadini consideram que ele se encontra situado em uma “zona heterogênea” de meios, gêneros e

produtos que objetivam trabalhar com a criação, a crítica ou a mera divulgação de temas dos campos das artes, das letras, das ciências humanas e sociais, envolvendo os processos de produção, circulação e consumo de bens simbólicos. Ela afirma que, se tratarmos dos aspectos formais e de conteúdo, o espectro de alcance da atividade jornalística cultural é amplo:

É possível considerar, nesse conjunto, desde uma revista literária de pequena circulação, o suplemento semanal de um jornal de grande tiragem, revistas especializadas em temáticas específicas (artes, música, cinema), cadernos diários reservados ao tempo livre e ao entretenimento, assim como as revistas eletrônicas, cada vez mais frequentes na internet. (GOLIN, 2007, p. 2).

A autora reforça a noção de Gadini de que, desde a sua gênese, o jornalismo cultural esteve atrelado à cidade como espaço de poder e da cultura letrada, acompanhando, tanto como um reflexo quanto como um propulsor, a consolidação do sistema artístico-cultural e a constituição de um público consumidor. Golin também acrescenta que a professora e pesquisadora Cristiane Costa ao se deter sobre uma história comparada da literatura e da imprensa no Brasil, compila importantes testemunhos sobre a influência da indústria jornalística, no período em que esta sofreu significativas alterações na primeira metade do século XX, para a implantação do sistema literário nacional. Sobre isso, Golin reforça que “a imprensa assegurou a visibilidade, influenciou no resultado mercadológico editorial, constituiu redes de alianças e de ‘compadrios’ estratégicos para o prestígio e a publicidade de muitos escritores” (GOLIN, 2007, p. 3).

Além disso, é importante destacar que segundo a autora, mesmo estando ligado à agenda do mercado, com a veiculação de produtos artísticos, editoriais, musicais, entre outros, é perceptível no jornalismo cultural atual, outras lógicas decisivas para a circulação de notícias que extrapolam a agenda, o imprevisto ou a perseguição do furo jornalístico. Ela lembra que o professor José Salvador Faro (2003) aponta como uma das características do jornalismo cultural a de abrigar o trânsito pela avaliação e análise da produção simbólica que possibilita aos veículos de comunicação a garantia da legitimidade interpretativa, da defesa do ideário de determinadas escolas e correntes de pensamento, de maneira que tangencia a

esfera acadêmica, um universo usualmente formado por suplementos de jornais diários ou revistas especializadas, o que compõe aquilo que Faro denomina de “plataforma interpretadora”.

3.3 O Jornalismo de Rock

Outro termo bastante interessante de ser apresentado em um trabalho que tem como proposta o estudo e a análise da revista Rolling Stone, é o chamado jornalismo de rock. Ora, se podemos considerar tal publicação uma das maiores representantes do jornalismo cultural moderno e, logicamente, estender essa distinção ao considerá-la um integrante fundamental do gênero inserido dentro do campo jornalístico de cultura, o jornalismo musical, também é proveitoso estabelecê-la em relação a essa subdivisão ainda mais específica da atividade jornalística. É preciso que esclareçamos, no entanto, que, ao fazermos referência ao jornalismo de rock, estamos lidando com um conceito ainda em desenvolvimento, portanto é indispensável apresentar um esforço para se delimitar a abrangência deste no âmbito teórico.

Novamente, como ponto de partida, nos reportamos à obra de Rafael Saldanha (2005) que detalha o desenvolvimento do jornalismo de rock em revista no nosso país. Ao abordar a teoria dessa temática, Saldanha alerta para a necessidade de ressaltar que o termo jornalismo de rock empregado na prática da imprensa brasileira difere daquele que tradicionalmente ficou conhecido nos Estados Unidos, o “*Rock Journalism*”.

Em primeiro lugar, temos que salientar que o Jornalismo de Rock proposto não é somente uma tradução do termo estadunidense “Rock Journalism”, muito embora algumas vezes o segundo tenha influenciado alguns aspectos do primeiro. O Rock Journalism é o estilo passional, com forte pretensão literária e extremamente parcial desenvolvido por John Mendelssohn, Richard Meltzer, Nick Tosches e, principalmente, por Lester Bangs. Considerado por alguns o meio termo cultural entre o “New Journalism” e o “Gonzo Journalism”, o Rock Journalism modificou a maneira de se ver a

crítica musical – antes ainda presa numa obrigação de imparcialidade. (SALDANHA, 2005, p. 10).

Já como jornalismo de rock, devemos entender como algo que o autor considera “mais delimitado, menos anárquico que o Rock Journalism de Lester Bangs”. Dessa forma, a expressão jornalismo de rock é apropriada para denominar a maneira como o jornalismo musical recebe, trata e cobre aquela que, segundo Saldanha, é “a maior revolução cultural do século XX e que ainda hoje continua a reverberar” (SALDANHA, 2005, p.11): o *Rock and Roll*. Portanto, fica evidente o posicionamento do jornalismo de rock como um segmento destacado dentro do universo de abrangência do tradicional jornalismo cultural e musical.

Sobre o ponto de vista histórico da formação desse tipo de atividade jornalística, o autor lembra uma famosa citação do cantor e guitarrista norte-americano de grande prestígio durante os anos 1960 e 1970, Frank Zappa, que afirmava à época que “o jornalismo de rock envolve gente que não sabe escrever entrevistando gente que não sabe falar para gente que não sabe ler” (PAGLIA, 2004 *apud* SALDANHA, 2005, p.14). Evidentemente que, apesar do radicalismo na fala de Zappa, ficou claro nos anos que se seguiram após a explosão da popularidade da música rock que os jornalistas e os veículos do meio cultural teriam que adaptar e renovar a abordagem, a linguagem e o tratamento que davam à nova realidade musical para que pudessem falar com esse público renovado surgido a partir da década de 1960. De acordo com Saldanha, as principais modificações se deram empiricamente, tanto no que diz respeito à maneira de se realizar a pauta, já que houve uma mudança de interesse por parte do leitor, quanto no tocante à redação e à linguagem jornalística, pois o público ligado ao rock não estava interessado nos formalismos do jornalismo clássico.

O autor também ressalta que grande parte da dificuldade conceitual nessa temática se deve ao fato de que “até hoje, ainda não há uma fórmula que se possa apontar como a maneira correta de se falar de rock” (SALDANHA, 2005, p. 14). Ele aponta que no caso dos Estados Unidos, é considerado que o jornalismo de rock foi moldado pelas revistas especializadas, como a *Rolling Stone*. Já no Brasil, prioritariamente à chegada da *Rolling Stone* nos anos 2000, tal linguagem começou

a se formar na década de 1970, mas somente tomou forma durante a década de 1980, principalmente com o surgimento de revistas musicais como a “Bizz”, passando a ser incorporada, a partir dos anos 1990, inclusive, para falar de outros assuntos além de música, como no caso da revista “Trip!”.

Para encerrar esse capítulo, após nos dedicarmos à distinção entre o jornalismo de rock e o Rock Journalism, é proveitoso retomarmos uma apresentação um pouco mais aprofundada daquele que é considerado o maior responsável pela criação e consolidação do segundo gênero, o jornalista Lester Bangs.

Leslie Conway Bangs nasceu na Califórnia, nos Estados Unidos, em 1948, e é considerado até hoje um dos maiores críticos de rock do mundo. Segundo a pesquisa de Juliana da Costa (2009) sobre a história da revista Rolling Stone, o trabalho de Lester Bangs é classificado como uma combinação de jornalismo gonzo com novo jornalismo:

Envolvido diretamente com a cena, Bangs procurava projetar sobre si uma aura radicalmente distinta daqueles com quem tinha contato. Seja na entrevista com os precursores da música eletrônica do Kraftwerk, seja no desconcertante encontro com seu herói e anti-herói Lou Reed, Lester Bangs atacava com acidez, sarcasmo e acima de tudo desconfiança, ao fazer o papel de entrevistador um verdadeiro mártir diante da hipocrisia roqueira. (COSTA, 2009, p. 15).

A autora reforça que Bangs possuía uma “verdadeira obsessão” por escritores da “Geração Beat” como Jack Kerouac, William Burroughs e Charles Bukowski. Na música, era admirador da banda de rock Velvet Underground, principalmente do seu líder, o cantor Lou Reed. Ele acreditava que tal grupo via o rock como uma verdadeira arte ao incorporarem elementos da tradição literária dos beats em suas letras. Para Costa, “a obsessão de Lester pela personalidade de Lou Reed pode explicar um pouco a sua maneira de escrever, na qual vida e obra se mesclam” (COSTA, 2009, p. 16).

Conforme já aludimos no capítulo anterior, Bangs trabalhou na Rolling Stone de 1969 a 1973 e, após esse período, passou a colaborar com publicações como

“The Village Voice”, “Playboy” e “New Musical Express”. No entanto, como nota Costa, foi na posição de editor na revista “Creem”, na cidade de *Detroit*, que ele “se sentiu mais à vontade, pois tinha total liberdade para escrever textos polêmicos, intrigantes e geniais, não poupava ninguém” (COSTA, 2009, p. 16).

O escritor e crítico musical Jim DeRogatis resume em sua biografia sobre Lester Bangs, “Let it Blurt: The Life and Times of Lester Bangs, America’s Greatest Rock Critic”, a importância do jornalista mesmo após mais de 30 anos de sua morte por overdose de medicamentos em 1982:

Eu acredito que Lester ainda é interessante, anos após sua morte por uma razão particular: porque ele representa um capítulo alternativo, honesto, romântico e dramático na história da crítica de rock, que hoje é apenas uma extensão dos negócios da indústria. Em Lester, temos um cara que escrevia com paixão. Ele era um perfeito contraste com a legião de bajuladores que toma conta da imprensa hoje em dia. (DEROGATIS, 2000, *apud* SALDANHA, 2005, p. 10).

4 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para realizarmos a investigação de quais são os principais temas de cobertura e de que maneira eles são apresentados nas páginas da revista Rolling Stone Brasil é preciso agregar as bases teóricas à utilização de técnicas metodológicas. O procedimento metodológico que será parte integrante da nossa plataforma teórica e que adotamos para esta investigação é o denominado de análise de conteúdo.

A seguir vamos apresentar algumas considerações sobre o referencial teórico, o histórico e as peculiaridades dessa metodologia escolhida. Na sequência do capítulo, iremos trazer o detalhamento da investigação e do estudo de análise a ser empreendido sobre o nosso objeto de pesquisa.

4.1 Sobre Análise de Conteúdo

Como ressalta a pesquisadora e professora de jornalismo Heloiza Herscovitz (2007 *apud* GLORIA, 2011), desde os pioneiros trabalhos de estudos e pesquisas em comunicação passando pelas modernas investigações sobre novas tecnologias, a utilização da análise de conteúdo revela que essa técnica metodológica possui uma grande habilidade adaptativa em relação aos desafios da comunicação. Sendo vastamente empregada nos diversos ramos das ciências sociais empíricas, a análise de conteúdo demonstra de maneira inequívoca uma significativa utilidade nas pesquisas em jornalismo. Para Herscovitz, tal método:

[...] serve para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. (HERSCOVITZ, 2007 *apud* GLORIA, 2011, p. 38).

Do ponto de vista histórico, de acordo com Wilson Corrêa da Fonseca Júnior (2006 *apud* GLORIA, 2011), a pesquisa de análise de conteúdo surgiu no início do século XX, objetivando proporcionar um rigor científico superior às tradicionais análises de texto realizadas naquele período, as quais eram consideradas mais subjetivas. Ele ressalta que o grande impulso recebido pela análise de conteúdo, originado no pensamento da corrente positivista, se deu durante a Segunda Guerra Mundial. Durante aqueles anos, uma grande parte dos trabalhos utilizando esse método foi realizada a serviço do governo norte-americano, particularmente relacionados às tentativas de decodificação das mensagens transmitidas por rádio entre os exércitos nazistas e os seus aliados. Fonseca Jr (2006, *apud* GLORIA, 2011) afirma que após o fim da guerra, a análise de conteúdo passou a dedicar uma maior ênfase ao aspecto qualitativo. Tal mudança destacou um enfoque dos estudos na importância da inferência, ou seja, o elemento da metodologia em que o pesquisador busca identificar aspectos subjacentes à mensagem.

Herscovitz aponta que, na atualidade, a análise de conteúdo é utilizada de maneiras variadas, quantitativa ou qualitativamente, produzindo uma composição entre as duas visões “de forma que os conteúdos manifestos (visível) e latentes (oculto, subentendido) sejam incluídos em um mesmo estudo para que se compreenda não somente o significado aparente de um texto, mas também o implícito” (HERSCOVITZ, 2007, *apud* GLORIA, 2011, p. 39). Essa necessidade de associação entre os campos quantitativos e qualitativos é resultante da constatação de que os textos são polissêmicos, ou seja, apresentam oportunidades de múltiplas interpretações por públicos variados, e, portanto, não devem ser compreendidos fora dessa visão.

Em seu trabalho sobre a análise de conteúdo do jornal “Gazeta Mercantil”, o professor de jornalismo Wladimir Netto Ungaretti (1998) traça um histórico da evolução dos procedimentos que, em certo momento, passaram a ser chamados de análise de conteúdo. Ele lembra a “definição clássica” desse método presente na obra “*Content Analysis in Communication Research*” de Bernard Berelson: “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BERELSON *apud* BARDIN *apud* UNGARETTI, 1998, p.36).

Ungaretti também traz a perspectiva de Laurence Bardin para nos esclarecer que, em um contexto mais contemporâneo, considera-se o método como sendo um conjunto de técnicas de análise das comunicações que buscam a apreensão, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, de indicadores, sejam eles quantitativos ou não, que possibilitam a inferência de conhecimentos relacionados às condições de produção e recepção de tais mensagens (BARDIN *apud* UNGARETTI, 1998).

Ele atenta para o fato de que foi no ambiente da Segunda Guerra Mundial que o método de análise de conteúdo foi amplamente utilizado nos Estados Unidos, para uma melhor compreensão dos processos de propaganda nazista, especialmente nas mensagens e comunicações de natureza radiofônica. Ungaretti considera que “foi durante esse período que foram realizados alguns dos trabalhos considerados clássicos nessa área” (UNGARETTI, 1998, p.37).

Outro ponto abordado pelo professor é o de que ao se operacionalizar uma pesquisa valendo-se das técnicas da análise de conteúdo se torna necessário lembrar que estão presentes questões relacionadas à linguagem. Adicionalmente, o fato de lidarmos com a temática do jornalismo também nos remete ao emprego de linguagens. Assim, Ungaretti nos traz o pensamento do filósofo Ludwig Wittgenstein para singularizar essa preocupação teórica:

A linguagem é um traje que disfarça o pensamento. E, na verdade, de um modo tal que não se pode inferir, da forma exterior do traje, a forma do pensamento trajado: isso porque a forma exterior do traje foi constituída segundo fins inteiramente diferentes de tornar reconhecível a forma do corpo. (WITTGENSTEIN, 1993 *apud* UNGARETTI, 1998, p.37).

Ainda sobre esse assunto, Ungaretti (1998, p. 37) reforça que é indispensável atentarmos para o cuidado de que “o método de análise de conteúdo não significa a utilização das mesmas técnicas aplicadas no campo da linguística, mesmo que o objeto seja comum entre os dois, ou seja, a linguagem”. Afinal, tanto a linguística quanto a análise de conteúdo comportam certo número razoável de definições, porém devemos lembrar que a primeira trabalha com a língua no plano teórico.

Para ele, é na forma como lidam com as palavras que encontramos a diferenciação entre a análise de conteúdo e a linguística. A linguística possui a responsabilidade de analisar a língua buscando a descrição do seu funcionamento. Já à análise de conteúdo interessa compreender aquilo que está por trás das palavras sobre as quais volta a sua atenção. Como sumariza Laurence Bardin (*apud* UNGARETTI, 1998), a linguística é considerada um estudo da língua, ao mesmo tempo em que a análise de conteúdo consiste em uma investigação de outras realidades através das mensagens.

A partir desse momento, é essencial também incluirmos uma descrição feita por Ungaretti (1998) sobre a série de etapas contidas no procedimento metodológico da análise de conteúdo, conjugada com a observação de certas regras particulares do chamado universo operacional de tal método. A primeira delas apontada pelo autor é a regra da representatividade, aquela que considera que nada do material definido como sendo objeto de pesquisa seja excluído do estudo, objetivando a garantia de um cenário em que a amostragem trabalhada realmente seja emblemática do universo escolhido. Com igual importância, temos a regra de homogeneidade, ou seja, a preocupação de que o material analisado respeita critérios precisos de escolha. Por fim, o professor cita a regra de pertinência, “em que é preciso observar se a fonte escolhida possibilita, de forma efetiva, a proposta de análise” (UNGARETTI, 1998, p. 38).

A análise de conteúdo pode ser estabelecida com o exercício de classificar em categorias os elementos dos textos que são investigados, o que envolve lidar com palavras-chaves. Segundo Ungaretti, o processo de criação de palavras-chaves é composto de relacionar uma listagem de palavras ou termos que demonstram certa atitude ou tendência dentro do universo selecionado. São variados os elementos que podem ser objeto de análise: palavras, frases, parágrafos, textos, fotos, etc.

Conforme ressalta o pesquisador, “cada processo metodológico, refletindo suas técnicas correspondentes e seu próprio campo de operações, possui e constrói uma linguagem própria. Em análise de conteúdo não é diferente” (UNGARETTI,

1998, p. 39). Assim, o primeiro contato efetivo estabelecido com o material de pesquisa é chamado de “leitura flutuante”. Esta é classificada como uma etapa inicial de investigação, momento em que quase sempre não existe uma hipótese. Após esse período, porém, se pode atingir à formulação do que é chamado de “hipóteses emergentes”.

Outra expressão usada no processo de trabalho das pesquisas de análise de conteúdo levantada pelo autor é a de “recorte do texto”. Esta se constitui em uma etapa de delimitação das categorias ou unidades temáticas. Ela representa um aspecto importante do processo de operacionalização da investigação. Ele lembra que é a partir de tal recorte, com a fixação de categorias ou unidades temáticas, que se passa a trabalhar com unidades comparáveis de categorização.

Já a “codificação” pode ser realizada por meio de unidades de registro, como, pelo exemplo citado por Ungaretti, em termos de palavras. Lançado o uso desse procedimento, esse autor atenta que é possível visualizar algumas possibilidades: a escolha de palavras-chave ou a de palavras-tema, ou ainda a de trabalhar com as denominadas unidades de contexto.

A conjugação dessas noções é que possibilita a montagem de uma grade de unidades temáticas e dos índices com os quais o pesquisador opera. A grade de leitura do material de pesquisa é construída com o objetivo de apresentar um quadro que seja o mais abrangente possível. Dessa forma, Ungaretti ressalta que o trabalho de pesquisa, “de fato”, em análise de conteúdo, depende da verificação de que a grade de leitura é adequada.

Além disso, ainda é pertinente lembrar que Ungaretti traz a noção de que alguns autores que trabalham com análise de conteúdo abordam o conceito de tonalidades, lidando, a partir dessa idéia inicial, com variáveis como “favorável/desfavorável” ou ainda “negativo/positivo”. De acordo com ele, tal processo também recebe a classificação de “escala de favorabilidade”, na qual é estabelecida uma pontuação para variáveis que são: normal ou neutro, positivo, muito positivo, negativo e muito negativo. Essa escala é aplicada ao material examinado.

Outra expressão que é bastante presente em trabalhos que utilizam as técnicas de análise de conteúdo, e também é referida no material teórico disponível sobre o tema, é a “inferência”. Conforme Ungaretti (1998, p. 39), a literatura desse campo de metodologia refere-se a esse termo como “um saber a mais, que ocorre quando nos distanciamos de uma leitura aderente”. Portanto, basicamente, a inferência corresponde ao processo que envolve a aplicação de raciocínios de dedução lógica. Os estudos teóricos que desenvolvem tal questão, como na obra citada por Ungaretti, “Análise de Conteúdo” de Bardin, utilizam quase que exclusivamente referências no campo da comunicação, como mensagem, significação, código, suporte, canal, emissor e receptor. Todos esses elementos são considerados pólos de inferência, ou seja, elementos possíveis de serem pensados a partir de raciocínios lógicos e dedutivos.

Como reforça o autor, a proposição de um trabalho que recorre à análise de conteúdo é a de que:

[...] os resultados brutos de uma pesquisa, após serem submetidos às diversas etapas de classificação e ordenamento, constituam-se em um quadro sugestivo de inferências e que se criem novas possibilidades de interpretação. Em grande parte, os resultados de uma análise de conteúdo, através da obtenção de inferências específicas ou gerais, sugerem novas possibilidades de uma pesquisa com a utilização de outras metodologias e outras técnicas de investigação. (UNGARETTI, 1998, p. 40)

Essa faceta corrobora o aspecto que o presente trabalho tem de oferecer uma breve contribuição aos estudos que tenham a revista Rolling Stone brasileira como seu objeto de pesquisa.

Já os pesquisadores em comunicação e professores Cátia Cilene Farago e Eduardo Fofonca (2012) em seu artigo acadêmico, “A análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações”, definem que, em edição revista e atualizada, a análise de conteúdo primeiramente procura trazer ao mundo da pesquisa científica um concreto e operacional método de investigação. Eles destacam que a autora estabelece uma definição objetiva para análise de conteúdo. Segundo Bardin, a análise de conteúdo, enquanto método de pesquisa, “é representada como um conjunto de técnicas de

análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (FARAGO, FOFONCA, 2012, p.3).

Os autores apontam que Laurence Bardin, que além de referência nessa metodologia é professora de Psicologia na Universidade de Paris, empregou as técnicas de análise de conteúdo em pesquisas de investigação psicossociológica e em estudos das comunicações de massas. Porém Bardin defende que o método pode ser utilizado por variados campos de conhecimento, sendo aplicado por psicólogos, sociólogos, linguistas, psicanalistas, historiadores, políticos, jornalistas entre outros (2009 *apud* FARAGO, FOFONCA, 2012).

A obra de Bardin citada pelos pesquisadores traz uma exposição histórica introdutória ao estudo da análise de conteúdo. Segundo Bardin,

[...] descrever a história da “análise de conteúdo” é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise de comunicações; é seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar a *posteriori* os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século. (BARDIN, 2009, *apud* FARAGO, FOFONCA, 2012, p.1).

Voltando-se para um segundo momento histórico da análise de conteúdo, Bardin esclarece que ele é marcado pela disseminação das aplicações da técnica a disciplinas muito diversificadas, gerando, conseqüentemente, o surgimento de questionamentos e novas respostas no plano metodológico. Ainda de acordo com a autora, após uma realidade de codificação imperiosa, que alcançou o seu ápice nos trabalhos de Bernard Berelson, o período seguinte à Segunda Grande Guerra é identificado por anos de bloqueio e desinteresse: “Durante algum tempo, a análise de conteúdo parece ter caído num impasse e uns quantos investigadores desiludidos parecem abandonar a partida” (BARDIN, 2009, *apud* FARAGO, FOFONCA, 2012, p. 2).

Desse modo, Farago e Fofonca enumeram certos fenômenos que, de um ponto de vista histórico, são essenciais, pois puderam afetar a investigação e a prática da análise de conteúdo. Eles descrevem que “o primeiro é o recurso do

computador; o segundo o interesse pelos estudos inerentes à comunicação visual e o terceiro é a inviabilidade de precisão dos trabalhos linguísticos” (FARAGO, FOFONCA, 2012, pg. 2). Portanto, eles se baseiam no pensamento de Bardin, que adota como um marco após meados da década de 1970, o importante momento histórico da multiplicação do uso dos computadores pessoais e das experiências envolvendo inteligência artificial, avanços tecnológicos que aumentaram a esperança nas possibilidades informáticas. A partir desse momento a análise de conteúdo “observa com interesse as tentativas que se fazem no campo alargado da análise de comunicações: lexicometria, enunciação linguística, análise de conversação, documentação e base de dados, etc”. (BARDIN, 2009, *apud* FARAGO, FOFONCA, 2012, p.3).

Após esse panorama histórico, os autores trazem os aspectos referentes às técnicas da análise de conteúdo moderna: a organização da análise, a codificação de resultados, as categorizações, as inferências, e, finalmente, a informatização da análise dos textos. Conforme eles elucidam, “para uma aplicabilidade coerente do método, de acordo com os pressupostos de uma interpretação das mensagens e dos enunciados, a análise de conteúdo deve ter como ponto de partida uma organização” (FARAGO, FOFONCA, 2012, p. 3). Essas diferentes fases da análise são organizadas em torno de três pólos, classificados por Bardin como sendo o primeiro, denominado de pré-análise, o segundo, chamado de exploração do material e o último, conhecido por tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

A pré-análise busca a organização e sistematização para que o pesquisador possa conduzir as sucessivas operações de análise. Assim sendo, para os autores, a missão dessa primeira fase comporta a escolha dos documentos a serem submetidos à análise e também, se existente, a formulação de hipóteses para a construção de indicadores a serem utilizados para a interpretação e a inferência final. Eles alertam que uma problemática relacionada à pré-análise pode ser encontrada no exercício da escolha dos documentos. Pois como partimos, inicialmente, daquilo que Bardin considera “um universo de documentos de análise”, é preciso que o pesquisador leve em consideração que para um trabalho mais proficiente de análise de conteúdo é fundamental delimitar a amostragem. Sobre

essa questão, Bardin reforça que “a análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial” (2009 *apud* FARAGO, FOFONCA, 2012 p. 4).

Porém, é propício apontarmos que embora as diferentes etapas do método possuam regras e cuidados que devem ser observados não é desejável que a análise de conteúdo seja considerada e trabalhada como um modelo exato e rígido. Até mesmo Bardin (2006 *apud* GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011) declina da noção de rigidez e de completude, procurando esclarecer que a sua visão da análise de conteúdo é marcada pela oscilação entre dois pólos relacionados à investigação científica: o rigor da objetividade e a riqueza da subjetividade. À vista disso, podemos avaliar que a técnica intenta superar o senso comum do subjetivismo e obter o rigor científico necessário, mas tal precisão deve ser alcançada em oposição à rigidez inválida, que não condiz mais com tempos atuais (GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011).

Farago e Fofonca concluem retomando a noção de que a análise de conteúdo, enquanto um conjunto de técnicas de estudos de comunicações, passou, ao longo das décadas, por reformulações desde os primeiros preceitos da análise de conteúdo clássica até os dias presentes, com uma investigação que se apresenta mais contemporânea, incluindo preceitos metodológicos influenciados pelo uso de computadores e das tecnologias informáticas. Eles consideram que

[...] a obra de Laurence Bardin possui uma ancoragem consistente no rigor metodológico, com uma organização propícia à compreensão aprofundada do método e, ao mesmo tempo, traz aos pesquisadores um caminho multifacetado que caracteriza a análise de conteúdo como um método que, historicamente e cotidianamente, produz sentidos e significados na diversidade de amostragem presentes no mundo acadêmico. (FARAGO, FOFONCA, 2012, p. 5).

Na tentativa de enriquecer a nossa fundamentação teórica sobre a análise de conteúdo, buscamos trazer também a perspectiva levantada por Anelise Mozzato e Denize Grzybovski (2011) em sua obra que explora o potencial e os desafios da análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração.

Em tal trabalho, as autoras fazem uma reconstituição de importantes aspectos históricos do desenvolvimento da pesquisa de análise de conteúdo. Para elas, um marco inicial ocorreu no ano de 1927 quando Harold Laswell começou a utilizar a análise de conteúdo em seus estudos da propaganda na Primeira Guerra Mundial. Conforme ressaltam “nessa época a linguística e análise de conteúdo não se conversavam, por mais que tivessem a linguagem como objeto de estudo semelhante” (GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011, p. 6). Já nas décadas de 1940 e 1950, o método de análise de conteúdo ganhou repercussão e obteve um grande desenvolvimento com os estudos mais aprofundados a respeito dessa técnica realizados por Bernard Berelson, com o auxílio de Paul Lazarsfeld. Além disso, as autoras afirmam que outras pesquisas, tanto de origem norte-americanas como de origem francesas, procuraram aprimorar a técnica da análise de conteúdo durante aqueles anos.

No entanto, foi apenas em 1977 com a publicação da obra sobre análise de conteúdo de Laurence Bardin, que, como destacam as autoras, “o método foi configurado em detalhes, o livro servindo de orientação e principal referência até os dias atuais” (GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011, p. 6). É oportuno reforçar uma ideia que as pesquisadoras trazem sobre a influência de Bardin na pesquisa brasileira de análise de conteúdo:

Esta obra teve grande impacto no Brasil e, de lá para cá, tem sido aplicada, criticada, ampliada e, sobretudo, ainda suscita questionamentos e controvérsias no meio acadêmico. Sem dúvida, essa evolução, marcada por períodos alternados de aceitação e de negação, despertando questionamentos e contradições, vai aperfeiçoando a técnica. (GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011, p. 6).

Devido à orientação pela procura da cientificidade e da objetividade, a análise de conteúdo se apoiou, primeiramente, em um enfoque quantitativo pelo qual a análise dos textos se fazia pelo cálculo de frequências. Porém, conforme Godoy (1995 *apud* GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011), tal tratamento unilateral deu espaço às análises qualitativas, o que abriu a oportunidade para que o método fosse empregado com ambas as abordagens, inclusive, de forma concomitante. Segundo as autoras, já na década de 1950 havia debates em torno da validade das técnicas de natureza qualitativas e quantitativas e do emprego de um viés em detrimento do

outro. Contudo, “mais de meio século depois, ainda se discutem tais questões, mas as controvérsias estão no nível da adequada apropriação da técnica de pesquisa de acordo com os seus propósitos, pois podem ser utilizadas paralelamente” (GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011, p. 7).

Nessa perspectiva, a análise de conteúdo contemporânea não pode ser vista como uma metodologia que refuta toda e qualquer forma de quantificação. Para Grzybovski e Mozzato (2011), mesmo que tenha na sua origem a quantificação, rapidamente se consolidou a noção de que a técnica pode ser aplicada também na análise qualitativa, porque a sua característica é a promoção das inferências, independente de estas estarem apoiadas ou não em indicadores quantitativos. Assim, sem a pretensão do esgotamento dos debates relacionados ao uso das diferentes abordagens metodológicas, as autoras recorrem às palavras de Bardin (2006 *apud* GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011, p. 7) para concluir que “a análise de conteúdo é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa, mas com aplicações diferentes”.

Sobre a conceituação da técnica da análise de conteúdo, as pesquisadoras também utilizam como base as teorias de Bardin, com a justificativa de que esta é a autora mais citada no Brasil em pesquisas que adotam tal metodologia. Portanto, Bardin refere que a análise de conteúdo consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (BARDIN, 2006 *apud* GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011, p. 4).

De acordo com as autoras a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que buscam superar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados. Para Chizzotti (2006 *apud* GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011, p. 4), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

Conforme Bauer e Gaskell (2008 *apud* GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011), dentro da comunicação, o material textual em forma escrita é o mais tradicional nos estudos de análise de conteúdo e a sua manipulação pelo pesquisador é essencial na resolução dos problemas de pesquisa. Grzybovski e Mozzato também reforçam a tese de Flick (2009 *apud* GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011), segundo a qual a análise de conteúdo se configura como um dos mais profícuos procedimentos para investigar o material textual, independente da origem de tal material.

Adicionalmente, aquelas autoras têm o cuidado de explicitar que, sendo a análise de conteúdo uma técnica que trabalha os dados coletados e procura identificar o que está sendo dito a respeito do tema em análise, existe um esforço para decodificar o que está sendo comunicado. Para tal tarefa, o pesquisador pode lançar mão de diversos processos, que variam de acordo com o material a ser analisado, como análise léxica, análise de categorias, análise da enunciação, análise de conotações, etc.

Outra pesquisadora dessa temática é Maria Cecilia de Souza Minayo (2001 *apud* GRZYBOVSKI, MOZZATO, 2011), que aponta que a análise de conteúdo “é compreendida muito mais como um conjunto de técnicas” para a investigação do comportamento humano, com possibilidades de aplicação muito diversas, e que possui duas funções: a checagem de hipóteses ou questões e a revelação do que está por trás das mensagens manifestas. Tais funções, inclusive, podem ser complementares, com emprego tanto em pesquisas qualitativas como em quantitativas.

4.2 Sobre a investigação efetuada

Finalizada a nossa revisão bibliográfica relativa à história e à teoria da metodologia de análise de conteúdo, prosseguiremos com a elucidação detalhada de como aplicamos especificamente tal método em nossa monografia.

Primeiramente, para cumprir de maneira adequada os objetivos propostos, decidimos estipular o período de tempo de 1 ano de publicação para ser considerado na investigação. Como buscamos obter um panorama abrangente e representativo da Rolling Stone brasileira, o intervalo de janeiro a dezembro mostrou-se o mais razoável, visto que tal espaço de tempo nos traz todas as variações que a revista poderia sofrer durante os 12 meses que compõem o ano. Já a opção pelo ano de investigação ser o de 2013, justifica-se pelo fato de que, além de ampla, também procuramos executar uma análise a mais atualizada possível. Portanto, nosso universo de pesquisa partiu das 12 edições mensais que foram lançadas naquele ano, que correspondem do número 76 ao número 87 da publicação.

No entanto, levando em consideração que estamos lidando com um veículo midiático que tem a sua origem no mercado editorial norte-americano e que o presente trabalho tem como proposta averiguar as temáticas da porção nacional da Rolling Stone foi preciso promover uma triagem dentro do universo escolhido. De acordo com o jornalista Pablo Miyazawa (*apud* Costa, 2009), que atualmente é repórter e colaborador da Rolling Stone brasileira, mas, que durante o ano de 2013, ocupava a posição de editor-chefe da revista, cada edição nacional pode conter até 50% do seu conteúdo de materiais traduzidos da matriz estadunidense. Assim, todo e qualquer elemento jornalístico que foi identificado como proveniente da original estrangeira nos números que analisamos não foi considerado para esse trabalho. Limitamos-nos aos textos relativos aos temas brasileiros elaborados pela equipe nacional, tanto os presentes na capa quanto os do interior da publicação.

Com isso, algumas seções fixas da revista não entraram em nossa pesquisa: por exemplo, a seção “Arquivo RS”, composta exclusivamente de matérias, reportagens ou entrevistas traduzidas que são provenientes de exemplares norte-americanos dos anos 1970, 1980, 1990 e início da década de 2000. Também foi o caso das seções “Vida Pop” e “Popômetro”, ambas formadas por textos de opinião assinados pelo jornalista Miguel Sokol, que não são dedicadas exclusivamente a temáticas nacionais e acabam trazendo também conteúdo relacionado aos artistas e à cultura estrangeira. Já a seção “Rollingstone.com.br”, uma página composta apenas de indicações de material exclusivo disponível no site oficial e nas redes

sociais da revista, ficou de fora por apresentar conteúdo que extrapola os limites dessa monografia, que se restringe a análise dos textos produzidos para o veículo impresso. Nesse mesmo sentido, a seção denominada de “Randômicas”, que nada mais é do que um apanhado de diversos registros fotográficos publicados nas redes sociais pessoais de artistas brasileiros e internacionais durante o mês anterior ao da edição em questão, igualmente exhibe conteúdo não produzido efetivamente pela equipe jornalística e, dessa forma, está além da nossa proposta.

Após a seleção descrita acima, executada de maneira uniforme nos 12 números analisados, terminamos com um corpus de análise constituído de 195 textos, sendo que destes, 36 apresentaram alguma espécie de chamada nas capas, que também foram incluídas na nossa investigação. Na sequência dessa etapa, aplicamos sobre o corpus a técnica conhecida como “leitura flutuante”, que conforme já fizemos alusão anteriormente, representa o primeiro contato efetivo de leitura estabelecido com o material pesquisado.

A partir de tal leitura, foi possível construir as delimitações das categorias dos temas percebidos nos textos, gerando as 10 unidades temáticas com as quais lidamos na fase de categorização, a saber, “música”, “televisão”, “cinema”, “sócio-política”, “literatura”, “esporte”, “entretenimento eletrônico”, “exposição artística”, “teatro” e “moda”. Cada ocorrência foi classificada como pertencente a apenas uma unidade temática. Mesmo nos textos de maior profundidade e extensão, como entrevistas longas com artistas e reportagens densas, que muitas vezes abordavam aspectos de variados temas, a nossa orientação sempre foi guiada pela identificação da temática principal ou preponderante nas mensagens, para que assim nenhuma ocorrência fosse registrada em duas ou mais unidades.

Com isso, fomos capazes de realizar uma análise quantitativa envolvendo as ocorrências e as unidades temáticas do nosso estudo. Além disso, utilizando as percepções que apreendemos da leitura flutuante do material e os dados quantitativos e de ordem classificatória das unidades temáticas como apoio alcançamos a elaboração da porção qualitativa da análise. Ou seja, tivemos condições de produzir reflexões sobre os resultados, as chamadas “inferências”, que

envolvendo a aplicação de raciocínios de dedução lógica, procuraram identificar aspectos subjacentes à mensagem dos textos averiguados.

Dando avanço ao detalhamento da pesquisa, no capítulo seguinte pretendemos esmiuçar os resultados obtidos com a análise, tanto de forma a apresentá-los de acordo com o que foi encontrado em cada uma das 12 edições estudadas quanto de maneira a expô-los pelo viés da especificação das unidades temáticas. Já as observações e as inferências colhidas da investigação empregada em nosso estudo serão explanadas no capítulo conclusivo da presente monografia.

5 RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO DA REVISTA ROLLING STONE BRASIL

No presente capítulo iremos trabalhar com a descrição dos resultados que obtivemos após a aplicação da análise de conteúdo detalhada no capítulo anterior à nossa amostragem da revista Rolling Stone. Com a intenção de apresentar tais resultados da forma mais clara e objetiva possível, optamos por dividir o detalhamento deles da seguinte forma: em um primeiro subcapítulo utilizamos a abordagem descritiva de cada uma das edições escolhidas para essa pesquisa (dos números 76 a 87 da publicação, respectivamente, de janeiro a dezembro de 2013), já no segundo subcapítulo adotamos a separação pela unidade temática para explicitar a representação de cada uma dentro do universo de estudo.

É necessário também ressaltarmos o fato de que as inferências que extraímos da investigação dos textos da revista, um procedimento essencial que compõe a metodologia da análise de conteúdo, serão relatadas no capítulo das considerações finais desse trabalho.

5.1 Análise detalhada por edição

Nessa parte do trabalho vamos disponibilizar os resultados da análise de conteúdo de forma discriminada por cada uma das 12 edições do ano de 2013 da revista Rolling Stone. Cada parágrafo corresponde a uma edição e a apresentação é feita na mesma ordem em que os textos se encontram nas revistas, iniciando pela capa e finalizando com a seção Hot List, que sempre encerra a publicação. Os textos que participaram da pesquisa são relatados por um breve resumo do seu conteúdo e seguidos pela nossa classificação específica por unidade temática entre parênteses. No final do relato detalhado de cada edição da Rolling Stone, trazemos a análise quantitativa do número de textos abordados e a porcentagem representativa de cada unidade temática dentro desse grupo de textos.

5.1.1 Edição de janeiro de 2013

Na edição número 76, de janeiro de 2013, da Rolling Stone Brasil logo na capa foram verificadas 3 ocorrências de chamadas para textos relativos a temáticas brasileiras: o ranking feito pela publicação dos 25 melhores discos (música) e das 25 melhores canções lançados durante 2012 (música); e a entrevista com a atriz de telenovelas Débora Falabella (televisão). Na seção Rock & Roll, tivemos a notícia sobre o sucesso que as novas músicas lançadas pelo cantor Roberto Carlos haviam alcançado (música); uma nota sobre a audiência dos programas televisivos “Avenida Brasil” e “Big Brother Brasil 12” (televisão); outra nota sobre a confirmação da realização da edição de 2013 do festival Planeta Terra (música); duas matérias “em estúdio” sobre as gravações dos novos discos da cantora Érika Martins (música) e da banda Móveis Coloniais de Aracaju (música); uma matéria com 4 artistas brasileiros, as bandas Vanguard e Agridoce e os cantores Gui Boratto e “Boss in Drama”, selecionando os destaques da edição brasileira do festival Lollapalooza (música); uma matéria com o cantor Jair Naves sobre o lançamento de seu primeiro disco (música); uma notícia sobre as homenagens que o rapper Sabotage iria receber em 2013 pelo marco dos dez anos de seu assassinato (música); uma notícia sobre o relançamento da discografia da banda Rumo (música); uma entrevista do tipo “Rápidas com...” o vocalista da banda Holger, Marcelo Prata, sobre o processo de gravação do novo disco (música); uma matéria sobre o selo fonográfico Sonoamerica, que promove artistas brasileiros em outros países latinos (música). Na seção Política Nacional, verificamos uma matéria de 3 páginas abordando os 13 temas que eram considerados como os mais importantes para a política brasileira em 2013 (sócio-política). Um perfil de 5 páginas com a atriz Débora Falabella trazendo a sua carreira na televisão, lembrando as suas personagens em telenovelas (televisão). Analisamos a matéria de 3 páginas contendo o ranking dos 25 melhores discos nacionais de 2012 (música). Também tivemos a ocorrência da lista de 2 páginas sobre as 25 melhores canções de 2012 (música). Na seção Portfólio, uma matéria de 6 páginas mostrando algumas das imagens que o fotógrafo Jairo Goldflus havia reunido no seu então recente livro “Público”, em que mostrava retratos de diversos artistas brasileiros (literatura). Na seção Hot List, verificamos a presença da música “1978” do cantor Ed Motta (música); da canção

“Starchic” do grupo Bonde do Rolê (música); da música “Song of the Lonely Mountain” da banda brasileira MegaDriver (música); e do videoclipe “Terminei Indo” da Banda Mais Bonita da Cidade (televisão). No total, nessa edição foram analisados 20 textos e obtivemos as seguintes ocorrências: 15 de unidade temática “música” (75%), incluindo 2 ocorrências com chamadas de capa; 3 de unidade temática “televisão” (15%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 1 de unidade temática “sócio-política” (5%); e 1 de unidade temática “literatura” (5%).

5.1.2 Edição de fevereiro de 2013

Na edição número 77, de fevereiro de 2013, da Rolling Stone Brasil na capa verificamos 2 ocorrências de chamadas para textos relativos a temáticas brasileiras: a reportagem com o ator e comediante de “stand-up” Fábio Porchat (teatro); e a reportagem sobre a situação da seca no sertão nordestino brasileiro (sócio-política). Na seção Rock & Roll, analisamos uma matéria com o diretor brasileiro de videoclipes musicais, “KondZilla”, apelido de Konrad Cunha Dantas, sobre o sucesso de seus vídeos (televisão); uma entrevista com o músico Leandro Sapucahy sobre os bailes de samba que organiza no Rio de Janeiro (música); notícia sobre a exposição do fotógrafo Rui Mendes que apresenta imagens do movimento punk em São Paulo durante os anos 1980 (exposição artística); entrevista do tipo “5 perguntas” com o criador das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, Maurício de Sousa, sobre o livro lançado para comemorar os 50 anos da personagem (literatura); matéria “em estúdio” sobre a gravação do novo disco da banda Neilton (música); entrevista com a cantora Mari Antunes que iria estreiar no carnaval daquele ano no posto de nova vocalista do grupo Babado Novo (música); notícia sobre a participação da banda Titãs na gravação do novo disco da banda Garotas Suecas (música). Na seção P & R, encontramos uma entrevista com a atriz Ingrid Guimarães sobre o seu filme que havia estreado nos cinemas, “De Pernas pro Ar 2” (cinema). Na seção Política Nacional, uma entrevista de 3 páginas com o então titular do Ministério das Cidades do governo federal, Aguinaldo Ribeiro, sobre os desafios do seu cargo (sócio-política). Na seção Conexão Brasilis, uma reportagem de 6 páginas que alertava sobre a situação de devastação do sertão nordestino do país devido à

seca (sócio-política). Na seção Close-up, uma matéria de 2 páginas com a cantora Jorge Mautner e a filha Amora Mautner sobre o relacionamento dos dois (música). Também verificamos a reportagem sobre a carreira do comediante Fábio Porchat, que na época fazia sucesso com o seu espetáculo de “stand-up” no teatro do Rio de Janeiro (teatro). Na seção Hot List, o videoclipe da canção “Um Abraço” de Caetano Veloso (televisão); e o documentário que registra o show do rapper Criolo no Circo Voador no Rio de Janeiro (cinema). No total, nessa edição foram analisados 14 textos e obtivemos as seguintes ocorrências: 5 de unidade temática “música” (35,7%); 2 de unidade temática “televisão” (14,3%); 2 de unidade temática “sócio-política” (14,3%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 2 de unidade temática “cinema” (14,3%); 1 de unidade temática “exposição artística” (7,1%); 1 de unidade temática “literatura” (7,1%); e 1 de unidade temática “teatro”, incluindo a ocorrência com chamada de capa (7,1%).

5.1.3 Edição de março de 2013

Na edição número 78, de março de 2013, da Rolling Stone Brasil na capa verificamos 4 ocorrências de chamadas para textos relativos a temáticas brasileiras: o perfil do então jogador de futebol do Corinthians, Paulo André (esporte); e 3 chamadas para matérias pertencentes ao “especial mulher”, uma com Dani Calabresa (televisão), outra com Marina Silva (sócio-política) e uma com Baby do Brasil (música). Na seção Rock & Roll, uma matéria com o cantor e compositor Lenine sobre a turnê que comemorava os seus 30 anos de carreira (música); uma notícia sobre o óbito do vocalista da Banda Charlie Brown Jr., Alexandre Magno Abrão, o Chorão (música); uma matéria com a banda Vespas Mandarinas sobre o lançamento do seu disco de estréia (música); 2 matérias “em estúdio” sobre as gravações dos discos solos dos músicos Humberto Gessinger (música) e Wado (música); uma notícia sobre a adaptação da autobiografia de Erasmo Carlos para as telas de cinema (cinema); entrevista com o diretor de telenovelas Jayme Monjardim sobre os seus novos projetos na televisão (televisão). Na seção P & R, analisamos uma entrevista com o ator Wagner Moura falando sobre a sua carreira tanto no cinema nacional quanto no internacional (cinema). Na seção Especial Mulher,

exclusiva da edição de março, encontramos um perfil de 4 páginas da apresentadora de televisão e comedianta Dani Calabresa (televisão); uma entrevista de 3 páginas com a então possível candidata a Presidência da República, Marina Silva, sobre as suas aspirações na carreira política (sócio-política); uma matéria de 2 páginas com mulheres que além de serem esposas trabalham como empresárias musicais de seus próprios maridos, todos instrumentistas ou cantores (música); uma entrevista de 2 páginas com a cantora Baby do Brasil sobre a sua vida pessoal e o momento atual da sua carreira artística (música). Também analisamos um perfil de 4 páginas do jogador de futebol que então atuava como zagueiro do Corinthians, Paulo André (esporte). Na seção Hot List, o videoclipe da música “Das Tripas Coração” do cantor e compositor Lobão (televisão); a canção “Simple Guy” do músico Ed Motta (música); o videoclipe da música “Espelhos D’água” de Patrícia Marx com a participação de Seu Jorge (televisão); e o documentário “Daquele Instante em Diante” sobre a vida e a obra do músico Itamar Assumpção (cinema). No total, nessa edição foram analisados 17 textos e obtivemos as seguintes ocorrências: 8 de unidade temática “música” (47,1%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 4 de unidade temática “televisão” (23,5%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 3 de unidade temática “cinema” (17,6%); 1 de unidade temática “sócio-política” (5,9%), incluindo a ocorrência com chamada de capa; e 1 de unidade temática “esporte” (5,9%), incluindo a ocorrência com chamada de capa.

5.1.4 Edição de abril de 2013

Na edição número 79, de abril de 2013, da Rolling Stone Brasil na capa verificamos 3 ocorrências de chamadas para textos relativos a temáticas brasileiras: a reportagem sobre a cobertura da morte do cantor Chorão, da banda Charlie Brown Jr., inclusive essa chamada marcou a primeira fotografia de um artista brasileiro que ilustrou a capa da revista no ano de 2013 (música); a entrevista com o deputado federal Tiririca (sócio-política); e a matéria sobre a estréia da cinebiografia do artista Renato Russo (cinema). Na seção Rock & Roll, analisamos uma matéria sobre as homenagens que o cantor e compositor Cazuza receberia naquele mês em que completaria 55 anos de idade (música); uma notícia sobre a condenação judicial que

6 associações de músicos brasileiros sofreram por formação de cartel e abuso de posição dominante (música); matéria sobre a cobertura da edição brasileira de 2013 do festival de música Lollapalooza (música); 3 matérias “em estúdio” sobre as gravações dos novos discos das bandas Vanguard (música) e Elo da Corrente (música), além do rapper MC Sombra (música); notícia sobre o lançamento do novo disco da banda brasileira Sexy Fi (música); matéria sobre a série televisiva brasileira “Contos de Edgar” que estreava em canal de televisão a cabo (televisão). Na seção Política Nacional, uma reportagem de 6 páginas com o deputado federal Tiririca, falando sobre o seu primeiro mandato em Brasília e o futuro da sua carreira política (sócio-política). Na seção Panorâmica, uma matéria de 2 páginas sobre os serviços pagos disponíveis na internet brasileira para ouvir música online (música). Também verificamos uma reportagem de 7 páginas sobre a vida e a morte, ocorrida no mês anterior, do músico Chorão, líder da banda Charlie Brown Jr. (música). Na seção Close-up, uma matéria de 2 páginas com o ator Thiago Mendonça que interpretou Renato Russo no filme que conta a vida do cantor e compositor e que estreava no mês seguinte nos cinemas brasileiros (cinema). Na seção Hot List, a canção “Eletro do Robô” do grupo paraense Gang do Eletro (música); o videoclipe para a música “Lobo do Mar” da banda gaúcha Dingo Bells (televisão); e a música “Juventude em Marcha” do cantor e compositor Vinícius Calderoni (música). No total, nessa edição foram analisados 15 textos e obtivemos as seguintes ocorrências: 11 de unidade temática “música” (73,3%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 2 de unidade temática “televisão” (13,3%); 1 de unidade temática “cinema” (6,7%), incluindo a ocorrência com chamada de capa; e 1 de unidade temática “sócio-política” (6,7%), incluindo a ocorrência com chamada de capa.

5.1.5 Edição de maio de 2013

Na edição número 80, de maio de 2013, da Rolling Stone Brasil na capa verificamos 3 ocorrências de chamadas para textos relativos a temáticas brasileiras: a “entrevista Rolling Stone” com o músico Lobão, inclusive essa chamada sendo a foto de capa da edição (música); reportagem sobre o deputado federal Marco Feliciano (sócio-política); e a matéria sobre o retorno de Guilherme Arantes à cena

musical brasileira (música). Na seção Rock & Roll, notamos a presença de uma matéria sobre a gravação de DVD e CD ao vivo do novo show da cantora Maria Bethânia (música); notícia sobre o projeto “Sambabook Martinho da Vila” com lançamento de disco, DVD e blu-ray em que músicos brasileiros regravam sucessos do cantor (música); matéria “em estúdio” sobre a gravação do disco de estréia da nova banda do guitarrista Andreas Kisser, De La Tierra (música); notícia sobre o lançamento de um disco póstumo e uma turnê em homenagem ao vocalista do Charlie Brown Jr., Chorão, organizada pelos músicos remanescentes da banda (música); entrevista do tipo “rápidas com...” a cantora Vanessa da Mata sobre a sua participação em uma turnê de tributo ao compositor Tom Jobim (música); entrevista com a cantora, compositora e atriz Clarice Falcão que na época se preparava para lançar seu primeiro disco (música); matéria com o lutador de MMA (Mixed Martial Arts, ou Artes Marciais Mistas, em português) Vitor Belfort sobre o passado familiar e a então atual situação da sua carreira (esporte). Na seção P & R, uma entrevista com o ator José Wilker, que na época estrelava e também estreava como diretor de cinema no filme “Giovanni Improtta” (cinema). Na seção Política Nacional, verificamos uma matéria de 2 páginas em diversos deputados estaduais e federais entrevistados deram suas opiniões sobre as posições políticas defendidas pelo também deputado Marco Feliciano, na época recém-eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara de Deputados (sócio-política). Na seção Entrevista RS, uma entrevista de 6 páginas com o cantor Lobão sobre a sua carreira musical, a situação da música rock no Brasil e uma avaliação do governo nacional (música). Também analisamos uma matéria de 2 páginas com o cantor Guilherme Arantes sobre o seu retorno à música com o disco novo que lançava naquele mês e o futuro da sua carreira (música). Na seção Hot List, a música “Tribunal do Feicibuqui” do artista Tom Zé (música); o videoclipe da canção “On The Road” da banda brasileira Leela (televisão); o trailer do filme “Odeio o Dia dos Namorados”, comédia estrelada pela atriz Heloísa Périssé (cinema); e o show de comemoração dos 30 anos de carreira do cantor Lenine com a participação do instrumentalista Marcos Suzano (música). No total, nessa edição foram analisados 15 textos e obtivemos as seguintes ocorrências: 10 de unidade temática “música” (66,7%), incluindo 2 ocorrências com chamada de capa; 2 de unidade temática “cinema” (13,3%); 1 de unidade temática “sócio-política” (6,7%), incluindo a ocorrência com

chamada de capa; 1 de unidade temática “televisão” (6,7%); e 1 de unidade temática “esporte” (6,7%).

5.1.6 Edição de junho de 2013

Na edição número 81, de junho de 2013, da Rolling Stone Brasil na capa verificamos 2 ocorrências de chamadas para textos relativos a temáticas brasileiras: a matéria com o perfil do grupo musical Banda Uó (música); e a entrevista com a apresentadora de televisão e modelo, que na época estreava como atriz no cinema nacional, Sabrina Sato (cinema). Na seção Rock & Roll, verificamos uma notícia sobre a entrevista do cantor Amado Batista em que admitia ter sido censurado e torturado durante o governo ditatorial militar brasileiro (música); uma notícia sobre o planejamento da turnê comemorativa dos 30 anos de carreira do grupo Paralamas do Sucesso (música); matéria com a banda porto-alegrense de música indie, Selton, que na época fazia sucesso em países como Itália e Espanha (música); matéria com o músico gaúcho Heitor Pereira sobre o seu trabalho como compositor de trilhas sonoras para o cinema de Hollywood (cinema); notícia sobre a data de lançamento da nova geração de videogames, Xbox One e Playstation 4, no mercado brasileiro (entretenimento eletrônico). Na seção P & R, uma entrevista com o cantor Ed Motta sobre o lançamento do seu novo disco “AOR” e sobre a produção musical feita no Brasil (música); e outra entrevista com a modelo e apresentadora de televisão Sabrina Sato, falando sobre a sua vida pessoal e o seu primeiro papel como atriz em um filme, uma atiradora de facas de um circo em “O Concurso” (cinema). Na seção Rolling Stone Fashion Pages, verificamos a presença de um ensaio fotográfico de 5 páginas com a temática do uso de variadas peças de roupas totalmente brancas feitas por estilistas brasileiros (moda). Também analisamos uma matéria de 4 páginas que apresentava o então novo grupo musical de Goiânia, Banda Uó, com os seus integrantes falando sobre a sua infância e a ambição de levar a sua música ao “mainstream” (música). Na seção Conexão Brasília, uma reportagem de 4 páginas acompanhando a história de uma mãe em São Paulo que enfrentava o descaso do poder público e procurava pelo corpo do filho que fora assassinado pela Polícia Militar paulista e enterrado como indigente (sócio-política). Na seção Hot List, o

documentário sobre a produção do novo show “Mormaço” do cantor Marcelo Camelo (cinema); o videoclipe da canção “Hangover” da banda brasileira Cansei de Ser Sexy (televisão); a canção “Anjos (Nunca Tem Fim)” da banda o Rappa, que se preparava para lançá-la no novo disco (música); a música “Quero Agora” do grupo baiano Maglore que contava com a participação do músico Carlinhos Brown (música). No total, nessa edição foram analisados 14 textos e obtivemos as seguintes ocorrências: 7 de unidade temática “música” (50%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 3 de unidade temática “cinema” (21,4%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 1 de unidade temática “entretenimento eletrônico” (7,1%); 1 de unidade temática “moda” (7,1%); 1 de unidade temática “sócio-política” (7,1%); e 1 de unidade temática “televisão” (7,1%).

5.1.7 Edição de julho de 2013

Na edição número 82, de julho de 2013, da Rolling Stone Brasil na capa verificamos 4 ocorrências de chamadas para textos relativos a temáticas brasileiras: 2 chamadas para a “Entrevista Rolling Stone”, uma com o músico João Gordo (música), e a outra com o apresentador de televisão Danilo Gentili (televisão); reportagem sobre os protestos populares que aconteciam pelo país na época (sócio-política); e a matéria sobre os novos jogos de videogames que chegavam ao Brasil naquele mês (entretenimento eletrônico). Na seção Rock & Roll, analisamos uma matéria sobre o lançamento do disco e DVD ao vivo do show que uniu os rappers paulistas Criolo e Emicida (música); matéria “em estúdio” sobre a gravação do novo disco do sambista baiano Riachão (música); uma matéria “lista de convidado” em que o músico brasileiro Iggor Cavalera, fundador da banda Sepultura, lista cinco canções que o influenciaram na sua carreira na música eletrônica (música); uma notícia sobre o lançamento do longa-metragem brasileiro “Latitudes”, estrelado pelos atores Daniel de Oliveira e Alice Braga e dirigido por Felipe Braga (cinema); notícia sobre a finalização do novo disco da banda mineira Jota Quest, que se preparava para lançá-lo no final daquele ano (música); notícia sobre o lançamento do novo disco da banda curitibana Esperanza (música); matéria sobre a nova parceria musical entre o DJ e produtor Zé Gonzales e o rapper André Laudz que haviam

acabado de formar a dupla Tropkillaz (música); entrevista do tipo “rápidas com...” a vocalista do grupo Cansei de Ser Sexy, Lovefoxxx, falando sobre o lançamento do novo disco “Planta” e a nova turnê que iniciava (música); entrevista com a banda Apanhador Só que na época começava as gravações do seu novo disco (música); entrevista com a cantora Anitta falando sobre a fase atual da carreira e o sucesso que alcançava, que naquele momento dominava as paradas musicais no país (música). Na seção Tributo, uma matéria de 2 páginas recapitulando a carreira do músico e dançarino de black music e funk brasileiro Nelson Triunfo (música). Na seção Política Nacional, verificamos uma reportagem de 3 páginas que acompanhava os protestos sociais que tomaram conta do Brasil durante junho e julho daquele ano (sócio-política). Nessa edição, também tivemos uma “Entrevista RS” de 5 páginas apresentado o perfil do comediante e apresentador de televisão Danilo Gentili (televisão). Uma entrevista de 4 páginas com o sambista Zeca Pagodinho, que na época celebrava os 30 anos de carreira e refletia sobre a música e a sua vida no Rio de Janeiro (música). A segunda matéria do gênero “Entrevista RS” foi uma de 6 páginas com o músico João Gordo falando sobre a sua infância, a vida em família, o início da sua carreira musical e o seu futuro a frente da banda Ratos de Porão (música). Analisamos uma matéria de 2 páginas em que eram apresentados os jogos de videogames para os consoles da nova geração que começavam a ser vendidos no Brasil (entretenimento eletrônico). Na seção Hot List, o videoclipe do rapper Marcelo D2 para a canção “Está Chegando a Hora (Abre Alas)” (televisão); o videoclipe da música “Eu Te Amo (And I Love Her) do cantor Filipe Catto (televisão); a nova música, intitulada “Mr. Nelson”, lançada pela dupla brasileira ALDO (música); e o videoclipe da canção “Toda Doida” dos rappers brasileiros Boss in Drama e Karol Conká (televisão). No total, nessa edição foram analisados 20 textos e obtivemos as seguintes ocorrências: 13 de unidade temática “música” (65%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 4 de unidade temática “televisão” (20%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 1 de unidade temática “sócio-política” (5%), incluindo a ocorrência com chamada de capa; 1 de unidade temática “entretenimento eletrônico” (5%), incluindo a ocorrência com chamada de capa; e 1 de unidade temática “cinema” (5%).

5.1.8 Edição de agosto de 2013

Na edição número 83, de agosto de 2013, da Rolling Stone Brasil na capa verificamos 4 ocorrências de chamadas para textos relativos a temáticas brasileiras: a matéria com a cantora brasileira Bebel Gilberto (música); 2 chamadas para entrevistas com atrizes brasileiras, uma com Leandra Leal (televisão) e a outra com Alice Braga (cinema); e o perfil do paratleta da modalidade canoagem Fernando Fernandes (esporte). Na seção Rock & Roll, a notícia sobre a gravação do filme biográfico sobre o cantor Tim Maia (cinema); a notícia do óbito do músico Dominginhos, que havia ocorrido em julho daquele ano (música); a matéria sobre a nova dupla de músicos paulistanos ALDO, composta por dois irmãos, André e Mura Faria (música); a notícia sobre a estréia do monólogo do ator Bruno Mazzeo, “Sexo, Drogas & Rock’n’Roll”, no teatro carioca (teatro); a entrevista do tipo “5 Perguntas” com o vocalista da banda mineira Skank, Samuel Rosa, falando sobre as parcerias musicais presentes no disco que o grupo lançaria e o show da banda no festival Rock in Rio daquele ano (música); a notícia sobre a estréia da série de programas “Na Trilha da Canção” em um canal de televisão fechada (televisão); a notícia sobre a estréia do novo seriado brasileiro “O Negócio” em canal de televisão pago que aconteceria naquele mês (televisão); a matéria sobre a preparação do rapper MV Bill que iria iniciar as gravações do seu novo disco (música). Na seção P & R, verificamos a presença da entrevista com a atriz de televisão Leandra Leal falando sobre o seu papel na novela que estrelava, “Saramandaia”, e sobre o seu ativismo nos movimentos sociais de junho e julho de 2013 (televisão). Na seção Close-up, analisamos uma matéria de 2 páginas com a cantora brasileira Bebel Gilberto sobre a sua ambição de alcançar nacionalmente o mesmo sucesso que a sua música fazia no exterior (música). Também verificamos a presença de um perfil de 4 páginas sobre o paratleta e campeão de diversas provas de canoagem, Fernando Fernandes (esporte). Nessa edição, temos a entrevista de 3 páginas com a atriz Alice Braga falando sobre o início da sua carreira no cinema nacional e a fase atual em que atuava em filmes de Hollywood, nos Estados Unidos (cinema). Na seção Hot List, o videoclipe da canção “+Q1AMIGO” da banda gaúcha Bidê ou Balde (televisão); o documentário sobre os bastidores da gravação do disco de estréia do compositor Toni Ferreira (cinema); e a nova música “Um Dia A Gente Se Encontra”, lançada em

homenagem póstuma pela banda Charlie Brown Jr. ao seu vocalista Chorão (música). No total, nessa edição foram analisados 15 textos e obtivemos as seguintes ocorrências: 6 de unidade temática “música” (40%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 4 de unidade temática “televisão” (26,7%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 3 de unidade temática “cinema” (20%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 1 de unidade temática “esporte” (6,7%), incluindo a ocorrência com chamada de capa; e 1 de unidade temática “teatro” (6,7%).

5.1.9 Edição de setembro de 2013

Na edição número 84, de setembro de 2013, da Rolling Stone Brasil na capa verificamos apenas 1 ocorrência de chamada para texto relativo a temáticas brasileiras: a reportagem especial do guia completo de atrações do festival musical Rock in Rio, que aconteceria naquele mês (música). Na seção Rock & Roll, uma matéria sobre as filmagens do filme “Serra Pelada” com o diretor do longa-metragem, Heitor Dhalia (cinema); uma notícia sobre a confirmação da data de lançamento da versão brasileira do videogame Playstation 4 (entretenimento eletrônico); uma matéria “em estúdio” sobre a gravação do disco novo da banda Jota Quest (música); uma entrevista do gênero “5 Perguntas” com o cantor Hélio Flanders, vocalista da banda Vanguard, sobre o processo de criação e composição do novo disco do grupo (música); uma matéria com a banda paulista República que se preparava para tocar músicas novas em seu show a ser realizado no Rock in Rio (música); uma notícia sobre a participação da atriz Cléo Pires no papel de Ana Terra no filme da obra “O Tempo e o Vento” de Érico Veríssimo (cinema); uma matéria de 2 páginas com a banda O Rappa falando sobre o lançamento do seu novo disco e o futuro do grupo (música); uma matéria com o músico Marcelo Jeneci sobre o processo de criação do seu novo álbum, que estava prestes a ser lançado (música); uma matéria sobre a reestrela da nova versão do canal de televisão MTV Brasil, que havia acabado meses antes (televisão). Na seção especial “Guia do Rock in Rio”, exclusiva dessa edição, verificamos uma reportagem de 5 páginas detalhando todas as atrações musicais do festival que aconteceria no Rio de Janeiro (música). Uma

entrevista de 2 páginas com o ator de cinema Wagner Moura falando sobre a sua estréia em filmes internacionais com o longa “Elysium” (cinema). Também temos a matéria de 3 páginas sobre a chegada de novos jogos de videogame baseados em guerras e conflitos militares para os consoles e computadores brasileiros (entretenimento eletrônico). Na seção Portfólio, uma matéria de 6 páginas abordando o lançamento que aconteceria naquele mês do livro “Refúgio do Olhar – A Fotografia de Kurt Klagsbrunn no Brasil”, que reúne diversas imagens registradas pelo fotógrafo austríaco no país (literatura). Na seção Hot List, o videoclipe da canção “O Que Dirá o Mundo” do cantor e compositor Otto (televisão); o videoclipe da música “Estive” da banda Vanguard (televisão); e o videoclipe da canção “Foco na Missão” do rapper paulista Projota (televisão). No total, nessa edição foram analisados 16 textos e obtivemos as seguintes ocorrências: 6 de unidade temática “música” (37,5%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 4 de unidade temática “televisão” (25%); 3 de unidade temática “cinema” (18,8%); 2 de unidade temática “entretenimento eletrônico” (12,5%); e 1 de unidade temática “literatura” (6,3%).

5.1.10 Edição de outubro de 2013

Na edição número 85, de outubro de 2013, da Rolling Stone Brasil na capa verificamos 5 ocorrências de chamadas para textos relativos a temáticas brasileiras: a matéria que analisa a política externa e as relações internacionais do governo federal brasileiro, que inclusive é a ilustração de capa dessa edição (sócio-política); a reportagem sobre o líder da rede coletiva “Fora do Eixo”, Pablo Capilé (socio-política); a Entrevista Rolling Stone com o músico Rodrigo Amarante (música); a entrevista do rapper Criolo para a seção P & R (música); e a matéria de tributo aos 100 anos de nascimento de Vinicius de Moraes, que eram completados naquele mês (literatura). Na seção Rock & Roll, temos a presença de uma matéria recapitulando o festival Rock in Rio, ocorrido em setembro de 2013 (música); a notícia da realização do festival independente de música, “Coquetel Molotov”, que acontecia em Recife em sua 10ª edição (música); a entrevista com o músico Dado Villa-Lobos sobre a trilha sonora que compôs para o filme “O Inventor de Sonhos”, do diretor Ricardo

Nauenberg (cinema); a entrevista do tipo “Rápidas com...” a cantora Angela Ro Ro falando sobre o lançamento do DVD e do disco ao vivo, “Feliz da Vida”, em que celebrava a sua carreira musical (música); a matéria com o cantor Bruno Santo, vocalista da banda Volver, que na época lançava o seu primeiro álbum solo (música); a entrevista do gênero “4 Perguntas” com o ator Bruno Gagliasso sobre o seu papel no filme “Mato sem Cachorro” e o futuro da sua carreira no cinema (cinema); a notícia da estréia da segunda temporada do *reality show* musical “The Voice Brasil” na televisão aberta (televisão); a notícia do início da nova turnê da cantora Tulipa Ruiz e do relançamento do seu disco “Tudo Tanto” em versão vinil (música); e uma matéria sobre o falecimento do baixista das bandas Charlie Brown Jr. e A Banca, Champignon, ocorrido em setembro daquele ano (música). Na seção P & R, a entrevista do rapper paulista Criolo falando do sucesso obtido pelo último disco que havia lançado e das músicas inéditas que estava estreado em seus shows (música); e a entrevista com o guitarrista Andreas Kisser, da banda Sepultura, sobre o show do seu grupo no festival Rock in Rio e o novo álbum que estavam lançando (música). Na seção Tributo, verificamos uma reportagem de 6 páginas comemorando os 100 anos de nascimento do compositor, escritor e poeta Vinicius de Moraes, recapitulando a sua vida e a sua obra artística (literatura). Na seção Política Nacional, uma matéria de 6 páginas sobre a então atual situação da política externa e das relações internacionais desenvolvidas pelo governo brasileiro (sócio-política). Na seção Close-up, temos uma matéria de 2 páginas com o rapper Marcelo D2 sobre os shows de reunião de seu antigo grupo, Planet Hemp, que aconteciam em 2013 (música). Na seção Entrevista RS, 4 páginas com o compositor e músico Rodrigo Amarante abordando a sua carreira solo, a criação do seu novo disco e a relação com a sua antiga banda Los Hermanos (música). Na seção especial Skate, exclusiva dessa edição, encontramos 10 páginas com entrevistas dos skatistas profissionais brasileiros, Pedro Barros, Bob Burnquist, Luan de Oliveira e Reine Oliveira (esporte). Também verificamos uma reportagem de 5 páginas com o líder do coletivo Fora do Eixo, Pablo Capilé, abordando as ações culturais que o seu grupo estava promovendo e o seu envolvimento em acusações de estelionato e prática de trabalho escravo (sócio-política). Na seção Hot List, o curta-metragem “Moon”, roteirizado pelo músico Thiago Pethit e Vera Egito e dirigido por Heitor Dhalia (cinema); e o videoclipe para a canção “Picolé” do grupo musical Bonde do Rolê (televisão). No total, nessa edição foram analisados 19 textos e obtivemos as

seguintes ocorrências: 10 de unidade temática “música” (52,6%), incluindo 2 ocorrências com chamada de capa; 3 de unidade temática “cinema” (15,8%); 2 de unidade temática “televisão” (10,5%); 2 de unidade temática “sócio-política” (10,5%), incluindo as 2 ocorrências com chamada de capa; 1 de unidade temática “literatura” (5,3%), incluindo a ocorrência com chamada de capa; e 1 de unidade temática “esporte” (5,3%).

5.1.11 Edição de novembro de 2013

Na edição número 86, de novembro de 2013, da Rolling Stone Brasil na capa verificamos 3 ocorrências de chamadas para textos relativos a temáticas brasileiras: a reportagem com o grupo paulista de rap Racionais MC's, inclusive sendo essa chamada a foto que ilustra a capa da edição (música); o perfil do cartunista e escritor Laerte Coutinho (literatura); e a matéria sobre os 50 anos de carreira do personagem de filmes de terror, Zé do Caixão (cinema). Na seção Rock & Roll, encontramos a matéria sobre o lançamento do novo álbum do cantor Ney Matogrosso (música); a notícia da exposição de arte digital e urbana “SP Urban Digital Festival” que acontecia na cidade de São Paulo (exposição artística); a matéria com os apresentadores do canal de televisão MTV Brasil que estavam desenvolvendo versões para a internet de seus programas televisivos (televisão); a notícia sobre o rapper MC Sombra que procurava novos parceiros musicais para compor o seu segundo disco (música); a entrevista do tipo “Rápidas com...” a cantora e compositora Ana Cañas que falava sobre o novo show da sua turnê “Coração Inevitável” (música); a matéria com a banda curitibana Audac que na época gravava o seu disco de estréia com um produtor musical norte-americano (música); a notícia sobre a divulgação dos preços dos novos consoles de videogame que começavam a ser comercializados no Brasil (entretenimento eletrônico). Na seção P & R, a entrevista com o ator Marcelo Serrado que estreava o seu personagem de telenovela, Crô, no longa-metragem “Crô – O Filme” (cinema). Também encontramos nessa edição, uma reportagem de 2 páginas sobre o evento esportivo “Music & Run”, uma corrida em São Paulo promovida pela própria publicação para celebrar o seu aniversário de 7 anos (esporte). Na seção Política Nacional, uma

matéria de 3 páginas sobre o início da corrida dos candidatos para disputar a eleição presidencial brasileira que ocorreria em 2014 (sócio-política). Verificamos a presença de uma reportagem de 6 páginas com o cineasta José Mojica Marins abordando a sua carreira no cinema e os 50 anos que o seu personagem de terror, Zé do Caixão, completava na época (cinema). Analisamos a reportagem de 10 páginas apresentada a carreira do grupo de rap brasileiro Racionais MC's e o perfil de cada um dos seus integrantes e os projetos futuros da banda (música). Também verificamos o perfil de 6 páginas do cartunista e escritor Laerte Coutinho, apresentado a sua vida pessoal, a sua identidade como transgênero e o seu trabalho como autor de quadrinhos em livros, jornais e revistas (literatura). Na seção Hot List, o videoclipe da canção "Lucifernandis" do grupo baiano Boogarins (televisão); a música lançada pelo cantor Marcelo Jeneci, "De Graça" (música); e o videoclipe da cantora brasileira Bárbara Eugênia para a canção francesa "Jusqu'à La Mort" (televisão). No total, nessa edição foram analisados 16 textos e obtivemos as seguintes ocorrências: 6 de unidade temática "música" (37,5%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 3 de unidade temática "televisão" (18,8%); 2 de unidade temática "cinema" (12,5%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 1 de unidade temática "literatura" (6,3%), incluindo 1 ocorrência com chamada de capa; 1 de unidade temática "exposição artística" (6,3%); 1 de unidade temática "entretenimento eletrônico" (6,3%); 1 de unidade temática "esporte" (6,3%); e 1 de unidade temática "sócio-política" (6,3%).

5.1.12 Edição de dezembro de 2013

Na edição número 87, de dezembro de 2013, da Rolling Stone Brasil na capa verificamos 4 ocorrências de chamadas para textos relativos a temáticas brasileiras: a entrevista com o cantor Ney Matogrosso, inclusive essa chamada contém a foto que ilustra a capa da edição (música); a reportagem com o cantor e instrumentista Supla (música); a matéria sobre o debate em torno da proibição dos livros de biografias não autorizadas de artistas brasileiros (literatura); e a entrevista da cantora e compositora Rita Lee, que na época lançava o livro em que reunia minicontos de sua autoria (literatura). Na seção Rock & Roll, analisamos a matéria

sobre a nova minissérie “Amores Roubados” que estrearia na televisão aberta no início de 2014 (televisão); a notícia sobre o lançamento do novo disco da banda Raimundos, projeto financiado coletivamente pelos fãs do grupo (música); a notícia sobre a vitória da telenovela “Lado a Lado” e da atriz Fernanda Montenegro nos prêmios da 41ª edição do Emmy Internacional (televisão); a matéria “em estúdio” com a banda Ratos de Porão sobre a gravação do seu novo álbum (música); a matéria com a banda de Goiânia, Boogarins, que na época se preparava para a sua primeira turnê internacional (música); a entrevista do tipo “4 Perguntas” com o cantor e compositor Arnaldo Antunes falando sobre o processo de criação e gravação do seu novo disco e a recepção do público ao lançamento (música). Na seção P & R, uma entrevista com a cantora Rita Lee abordando o lançamento do seu livro “Storynhas”, uma compilação de minicontos e de histórias curtas de sua autoria e ilustradas pelo cartunista Laerte Coutinho (literatura). Na seção Política Nacional, verificamos uma matéria de 3 páginas sobre a então proibição que grupos de artistas e de músicos tentavam impor a produção e a comercialização de livros biográficos não autorizados (literatura). Nessa edição também temos uma reportagem de 5 páginas com cantor Supla expondo o seu trabalho com o irmão João Suplicy na banda Brothers of Brazil e falando sobre os 30 anos de carreira musical que completaria em 2014 (música). Verificamos a presença da entrevista de 7 páginas com o cantor Ney Matogrosso discorrendo sobre a sua vida pessoal, os seus relacionamentos, a sua carreira, as suas motivações artísticas e o seu novo disco e turnê (música). Na seção Portfólio, uma matéria com o grafiteiro brasileiro Binho Ribeiro de 6 páginas mostrando as suas obras de grafites expostas nas ruas de diversas cidades ao redor do mundo como São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York, Cidade do Cabo e Amsterdã (exposição artística). Na seção Hot List, o trailer do filme “Confissões de Adolescente”, que estrearia nos cinemas brasileiros em janeiro de 2014 (cinema); o trailer do documentário “Ronnie Von: Quando Éramos Príncipes” sobre a carreira do cantor Ronnie Von (cinema); e o trailer do longa-metragem “Quando Eu Era Vivo”, estrelado pelos atores Antônio Fagundes e Marat Descartes (cinema). No total, nessa edição foram analisados 14 textos e obtivemos as seguintes ocorrências: 6 de unidade temática “música” (42,9%), incluindo 2 ocorrências com chamada de capa; 3 de unidade temática “cinema” (21,4%); 2 de unidade temática “televisão” (14,3%); 2 de unidade temática “literatura” (14,3%),

incluindo as 2 ocorrências com chamada de capa; e 1 de unidade temática “exposição artística” (7,1%).

5.2 Análise detalhada por unidade temática

Para esse subcapítulo, buscamos trazer a especificação dos resultados da investigação do nosso estudo para cada uma das 10 unidades temáticas de classificação dos textos jornalísticos da Rolling Stone brasileira que estivemos trabalhando: “música”, “televisão”, “cinema”, “sócio-política”, “literatura”, “esporte”, “entretenimento eletrônico”, “exposição artística”, “teatro” e “moda”. Cada parágrafo apresenta uma unidade, trazendo o número de ocorrências relativos àquela respectiva temática em comparação com o universo total de textos analisados. Além disso, assinalamos a posição classificatória que a unidade temática em questão ocupa dentro do conjunto das 10 unidades. Na sequência, as mesmas avaliações também são feitas para o quesito das ocorrências de chamadas de capa da publicação. Devemos salientar que a nossa análise de conteúdo acabou envolvendo um total de 195 textos encontrados ao longo das 12 edições lançadas em 2013 pela Rolling Stone nacional. Igualmente, enfatizamos que desses 195 textos, 36 foi a quantidade de ocorrências que contaram com um chamado ou algum tipo de destaque nas capas da revista (18,7%).

5.2.1 Música

A unidade temática “música” foi a que registrou o maior número de ocorrências: do total de 195 textos analisados, 103 pertenceram a essa temática (52,8%). As ocorrências representaram pouco mais da metade do universo investigado, reafirmando a cobertura musical como o carro-chefe editorial da revista Rolling Stone. Nas chamadas de capa também percebemos a presença preponderante dessa unidade: de um total de 36 chamadas de capa relativas aos

textos brasileiros da publicação, 14 foram classificadas dentro da unidade temática “música” (38,9%). Embora na análise de capa a porcentagem seja menor em comparação àquela apresentada em relação ao total de textos, essa unidade temática também foi a responsável pelo maior número de ocorrências entre todas as 10 temáticas disponíveis com que lidamos durante essa pesquisa.

5.2.2 Televisão

Já a unidade denominada “televisão” ficou em segundo lugar no registro de ocorrências durante as edições de 2013 da Rolling Stone nacional: classificamos 32 ocorrências dentre o total de 195 textos estudados (16,4%). Em “televisão”, é perceptível uma diminuição de um pouco mais de 36 pontos percentuais em relação à representatividade apresentada por “música” (52,8% para 16,4%), mas que, mesmo assim, ainda foi o suficiente para posicionar a unidade temática relativa à TV como a de segunda mais recorrente dentro da publicação. Em relação ao total de 36 chamadas de capa, constatamos que 4 pertenceram à unidade em questão (11,1%), o que possibilitou colocar “televisão” como a unidade de terceira maior frequência na capa da Rolling Stone, empatada com as unidades temáticas “cinema” e “literatura” que também apresentaram 4 chamadas cada.

5.2.3 Cinema

A unidade temática classificada como “cinema” ocupou a terceira colocação quantitativa na representatividade do total de textos da revista: foram percebidas 26 ocorrências dentro do conjunto de 195 (13,3%). Pouco mais de 3 pontos percentuais (3,1%) a separaram da segunda posição “televisão”. Contudo, apesar de apresentar uma quantidade menor de ocorrências que a unidade “televisão” no total de textos, quando investigamos as ocorrências de capa relativas à unidade “cinema”, averiguamos que com 4 chamadas dentro de um universo de 36 (11,1%), ela

colaborou com o mesmo número de ocorrências de “televisão”, se posicionando também em terceiro lugar no ranking de frequência de capa.

5.2.4 Sócio-política

Para a unidade temática “sócio-política”, o número de 11 ocorrências registradas durante a análise do conjunto de 195 textos publicados nas edições de 2013 (5,6%), garantiu-lhe a quarta colocação de representatividade quantitativa. Porém, é preciso atentarmos para um fenômeno interessante: mesmo apresentado uma quantidade menor de ocorrências do que as unidades “televisão” e “cinema” em relação a avaliação total dos textos da Rolling Stone, nos aspectos relativos às chamadas de capa tivemos uma inversão. Das 36 chamadas estudadas, 7 foram para a unidade “sócio-política”, um número que foi suficiente para posicioná-la na segunda colocação classificatória das ocorrências de capa.

5.2.5 Literatura

Já a unidade temática “literatura” foi representada por 7 ocorrências dentro do universo de análise de 195 textos (3,6%), sendo classificada como a quinta mais recorrente entre as 10 unidades. Em comparação com a quarta colocada, registrou uma queda de 2 pontos percentuais (de 5,6% para 3,6%). Quanto às chamadas de capa, a unidade temática em questão obteve a mesma representatividade quantitativa apresentada pelas já detalhadas “televisão” e “cinema”, empatando com elas na terceira posição de frequência de capa. Assim, do conjunto de 36 ocorrências desse quesito, 4 foram pertencentes à unidade “literatura” (11,1%).

5.2.6 Esporte e Entretenimento eletrônico

Quando da investigação da representatividade das unidades em relação à quantidade total de textos averiguados, observamos nosso primeiro empate com a análise das temáticas “esporte” e “entretenimento eletrônico”. Dessa forma, do total de 195 ocorrências ambas as unidades foram responsáveis por 5 ocorrências cada uma (2,6%), números que as situaram na sexta colocação do ranking. Ademais, não foi somente nesse aspecto da representatividade que o empate se revelou, pois tanto “esporte” quanto “entretenimento eletrônico” contribuíram com uma 1 chamada de capa cada para o universo de 36 ocorrências de capa estudadas (2,8%). Portanto, essas duas unidades temáticas compartilham o quarto lugar classificatório nas aparições de capa da Rolling Stone Brasil, juntamente com a unidade “teatro”.

5.2.7 Exposição artística

Para a unidade temática denominada de “exposição artística” contabilizamos um total de 3 ocorrências para o conjunto de 195 textos da revista (1,5%), um resultado que gerou a sétima posição entre as quantificações individuais de cada temática. No comparativo com as unidades imediatamente anteriores, “esporte” e “entretenimento eletrônico”, percebemos uma queda de pouco mais de 1 ponto percentual (2,6% em relação a 1,5%). É interessante apontarmos que nenhum dos 3 casos classificados para essa temática ocupou as capas das 12 edições do ano de 2013 da publicação, de tal maneira que “exposição artística” foi a primeira unidade, mesmo que não tenha sido a única, como veremos adiante, a registrar zero chamadas de capa dentre as 36 que compõem o conjunto de nossa análise.

5.2.8 Teatro

Já a unidade temática “teatro” se estabeleceu no oitavo lugar do ranking de representatividade das temáticas, apresentado 2 ocorrências no universo dos 195 textos avaliados (1%). Tal verificação representou uma diferença de meio ponto percentual para a unidade da sétima colocação, “exposição artística”. Todavia, ao

contrário daquela temática, que não obteve chamada de capa, a de “teatro” marcou uma única aparição dentre o total de 36 chamadas das capas analisadas nessa pesquisa (2,8%). Por essa razão, a estabelecemos ao lado de “esporte” e “entretenimento eletrônico” como a quarta unidade temática de maior frequência de capa da revista.

5.2.9 Moda

Finalmente, a unidade temática que encerra esse detalhamento é a que foi denominada como “moda”. Com a participação de apenas 1 ocorrência pertencente ao universo dos 195 textos estudados (0,5%), coube a tal temática ocupar a nona posição classificatória de representação, trazendo um percentual meio ponto inferior ao registrado pela oitava colocada. Quanto às aparições de capa, “moda” colocou-se ao lado da unidade “exposição artística”, ou seja, na última posição desse ranking, por também produzir zero ocorrência para o conjunto dos 36 chamados na capa da revista que investigamos.

Concluída a etapa dedicada ao detalhamento dos resultados da análise de conteúdo, reafirmamos o posicionamento de que as nossas inferências e conclusões sobre o material jornalístico estudado e, conseqüentemente, do veículo midiático Rolling Stone Brasil vão ser apresentadas na próxima fase desse trabalho, no capítulo destinado às considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo o de classificar e analisar as temáticas editoriais abrangidas pela cobertura jornalística produzida pela edição brasileira da revista Rolling Stone. Para tanto, lançamos mão de alguns procedimentos pertencentes à metodologia da análise de conteúdo e os aplicamos nas 12 edições mensais do período compreendido entre janeiro e dezembro de 2013. Foram analisados 195 textos publicados nesses números da revista, além de 36 chamadas de capas relativas a esse conjunto de textos e que foram encontradas nas capas das edições em questão, e que, após o recorte do material e de submetê-lo à leitura flutuante, foram categorizados conforme 10 grandes unidades temáticas. Os resultados da análise foram apresentados tanto de forma descritiva para cada edição quanto por classificação quantitativa.

A grande temática presente na revista Rolling Stone, como não poderia deixar de ser, sem dúvida é a música. No entanto, ela divide espaço principalmente com textos dedicados ao cinema, à televisão, à literatura e, em menor escala é preciso reparar, ao teatro. Estes são marcadamente, até mesmo por um viés analítico histórico, considerados como os maiores campos de interesse de cobertura dos veículos do jornalismo cultural. Na Rolling Stone tais unidades perpassam todos os tipos de manifestações jornalísticas: fazem parte dos destaques de capa, das notas curtas, das notícias e das entrevistas rápidas (características da porção de “noticiário” da publicação), também estão nas entrevistas de profundidade, das grandes reportagens e dos textos de perfil (estes que integram a parcela de reflexão mais profunda da revista). É notável o foco das matérias nos artistas, sejam músicos, cantores, atores, diretores ou escritores, conhecidos do grande público, daquilo que é considerado como *mainstream*, ou seja, aquilo que é popular no cenário cultural. Esse aspecto também demonstra uma forte tendência em realizar a cobertura do mundo artístico a partir do viés que destaca o agente criador, os indivíduos ou os grupos de indivíduos que personificam a produção cultural, posicionando-os no centro do jornalismo praticado pela revista. Para a parte que corresponde ao noticiário envolvendo essas temáticas, os jornalistas buscam trazer

as informações de bastidores, revelar o que se passa por trás dos processos de criação dos shows, discos, programas, filmes, peças ou livros seja nos textos noticiosos seja na entrevistas mais rápidas ou de menor profundidade (extensão de 1 página ou menos). Já a produção jornalística de maior fôlego das reportagens, dos perfis e da “Entrevista Rolling Stone” é voltada para a construção de um panorama mais extensivo de seus objetos de cobertura, extrapolando o foco somente na obra ou no produto cultural e buscando apresentar aspectos que humanizam os representantes do mundo artístico, como a sua infância, os seus relacionamentos pessoais e familiares, as suas opiniões e posicionamentos particulares, entre outros. Conforme notamos no capítulo de síntese histórica, esse traço humanizador das suas pautas sempre foi uma característica celebrada desde os primórdios da Rolling Stone americana e que é reproduzido fielmente pela edição brasileira. Portanto, as temáticas que tradicionalmente geram a maior cobertura entre os veículos midiáticos culturais também encontram essa correspondência na publicação objeto de nossa pesquisa.

Porém, outra unidade temática, que usualmente não se encontra entre o espectro de interesse esperado das publicações de jornalismo cultural, está bastante presente nas páginas da Rolling Stone, tanto na capa quanto no seu interior, que são os textos de cunho sócio-político. Embora não sejam contemplados pela cobertura noticiosa da revista, eles se encontram ancorados em seções próprias como a “Política Nacional” e “Conexão Brasilis”, tendo, pelos menos uma dessas seções, presença em praticamente todas as edições analisadas. Em ambas, as matérias apresentadas são constituídas de textos de grande fôlego, de 3 a 5 páginas, mas que apresentam caracteres distintos. Em “Política Nacional” os jornalistas dedicam-se à elaboração de textos reflexivos e analíticos que buscam compreender as circunstâncias que compõem o contexto político brasileiro, como é o caso das matérias sobre as causas e as consequências dos protestos populares de 2013, ou sobre a avaliação da corrida presidencial para as eleições de 2014 e, até mesmo, sobre os desafios que o país enfrenta na sua política externa e nas suas relações internacionais. Por outro lado, “Conexão Brasilis” é a seção por excelência da revista dedicada às reportagens de viés de investigação e de denúncia social, com exemplos como o da matéria que acompanha uma mãe que busca encontrar o corpo de seu filho morto pela Polícia Militar e enterrado como indigente e o da

matéria que acompanhava as mazelas provocadas pela seca severa que assolava o sertão nordestino. O investimento da Rolling Stone em uma produção jornalística politizada, marcada pelo equilíbrio entre reflexão política, investigação e denúncia, é uma tendência que a original americana passou a realizar com bastante sucesso e aprovação tanto por parte do público leitor como da crítica a partir dos anos 2000. Sendo assim, é visto pelo nosso estudo que a atual edição brasileira, iniciada já em 2006, incorpora plenamente esse perfil, adaptando-o para a realidade do nosso país.

Já as temáticas de menor representatividade no conteúdo das edições investigadas, que correspondem aos textos de esporte, entretenimento eletrônico, exposição artística e moda possuem características diversificadas. A cobertura esportiva feita pela Rolling Stone não inclui manifestações noticiosas e é constituída de textos que se assemelham às grandes matérias das temáticas artísticas, ou seja, como o foco nos atores desse mundo, adotando uma postura que apresenta os atletas de forma humanizada como no caso das matérias com o perfil do jogador de futebol Paulo André ou a do paratleta de canoagem Fernando Fernandes. Enquanto isso, o entretenimento eletrônico é contemplado com notas curtas e notícias que abordam os lançamentos de jogos eletrônicos e consoles de videogames no mercado brasileiro, não demonstrando a mesma profundidade de cobertura vista em outras temáticas. Situação parecida foi verificada nas poucas ocorrências relacionadas às exposições artísticas: os textos analisados se limitam à função do tipo “agenda cultural”, oferecendo informações básicas sobre os eventos. A exceção na temática em questão foi a matéria mostrando em 6 páginas as fotos das obras de grafite do brasileiro Binho Ribeiro expostas em cidades ao redor do mundo. Por fim, a temática da moda contou apenas com 1 ocorrência em nosso corpus de estudo com um ensaio fotográfico que, apesar de ter como premissa a apresentação de coleções de roupas de estilistas brasileiros, demonstrou um direcionamento claramente consumista, apresentando os nomes das marcas das peças usadas pelos modelos e incluindo o nome e o telefone das lojas que vendiam tais vestimentas. Mesmo que acabe servindo à intenção de corroborar para um caráter diversificador do universo de abrangência editorial, fica claro que a presença desses temas menos valorizados na Rolling Stone não recebe o mesmo tipo de atenção e dedicação da produção jornalística da revista em comparação ao que é constatado para as tradicionais temáticas culturais.

Outro aspecto da Rolling Stone sobre o qual podemos apontar algumas reflexões após a análise de conteúdo é o relativo às capas. Conforme relatamos no capítulo de detalhamento de resultados, ao apresentarmos os dados de cada edição, das 12 capas avaliadas 5 contaram com imagens ou fotografias de temáticas relacionadas ao conteúdo nacional (41,7%), ou seja, mais da metade delas foram destinadas às matérias produzidas pela matriz norte-americana. Assim, mesmo se tratando da Rolling Stone brasileira, a escolha para ocupar a posição de maior atrativo de capa ainda pouco recai sobre os artistas e os textos jornalísticos oriundos do nosso país. Dos 195 textos que integraram o corpus de análise, 36 foram mencionados de alguma maneira nas capas e, de forma geral, a presença quantitativa das unidades seguiu a mesma que foi verificada no interior da revista, demonstrando uma afinidade entre os temas principais abordados nas páginas internas com os destaques escolhidos para ocupar a capa. Conseqüentemente, a música registrou a maior parte das ocorrências além das outras temáticas tradicionais, como cinema, televisão e literatura, que também apresentaram uma considerável representatividade nas chamadas. No entanto, devemos explicitar uma peculiaridade: enquanto foi a quarta unidade em classificação no conjunto global dos textos analisados, sócio-política foi a segunda mais recorrente nas aparições de capa. Tal fato corrobora a noção anteriormente referenciada do prestígio que a publicação deposita na produção jornalística que envolve esse tema, que foi mais recorrente que até mesmo os temas de cinema e de televisão nas capas analisadas.

Nesse ponto, não podemos deixar de fazer menção à grande crítica que é direcionada atualmente à revista Rolling Stone. Para muitos dos pesquisadores, jornalistas e críticos culturais que averiguamos para a produção desse trabalho, a publicação, que nos Estados Unidos foi forjada em meio ao movimento de contracultura dos anos 1960 e no Brasil, em sua primeira versão, nasceu em um ambiente artístico e social de resistência a um governo militar ditatorial nos anos 1970, teria ao longo dos anos perdido a sua identidade de contestação e de revolução tanto jornalística quanto cultural, tornando-se hoje apenas um veículo que difunde e reproduz a comercialização artística e as estruturas dominantes da indústria cultural. Para esses críticos, o “sucesso e a caretice” sobrepujaram a “rebeldia” nas páginas da publicação, transformando-a em um veículo midiático a

serviço do entretenimento. Precisamos ressaltar que a análise que empreendemos na publicação nos traz à tona o fato de que a edição atual da Rolling Stone brasileira, surgida na metade final dos anos 2000, incorpora completamente o perfil contemporâneo da sua contraparte norte-americana; sendo assim, esta também compartilha dessas mesmas características criticadas. Embora concordemos em grande parte com tal pensamento, é necessário apontar que ainda é possível encontrar na Rolling Stone redutos de produção de um jornalismo muito próximo ao que é considerado de qualidade ideal, principalmente nas entrevistas extensas que vão fundo nos perfis dos artistas e nas reportagens de cunho político-social que cumprem funções reflexiva, investigadora e denunciativa em ambientes não muito comuns ao universo do jornalismo cultural. Além disso, a variada abrangência de temáticas que a revista se propõe a apresentar, contemplando desde textos ligados à música e cinema até aqueles relacionados ao esporte e ao entretenimento eletrônico, a colocam em uma posição bastante diferenciada no mercado editorial do jornalismo cultural brasileiro. Ademais, lembramos que as mudanças que foram percebidas pelos críticos no perfil da publicação com o passar dos anos e das décadas, e as quais nós especificamos anteriormente quando da apresentação do histórico da publicação no segundo capítulo do presente trabalho, também podem ser atribuídas em parte às modificações que a própria sociedade sofreu durante esse tempo; ora, se o contexto social, político e cultural contemporâneo não é o mesmo daquele que era vivido nos anos 1960 e 1970, tanto no Brasil quanto no resto do mundo, não é de se estranhar que as novas realidades sejam refletidas no trabalho de um veículo jornalístico que está inserido nesse meio.

Com a conclusão de nosso estudo, também é possível apontar algumas outras possibilidades de pesquisa. Afinal, ao realizarmos a escolha de construir um trabalho baseado em uma elaboração de caráter abrangente sobre as temáticas editoriais da Rolling Stone nacional, tínhamos a consciência de que tal abordagem de perfil amplo implicaria no sacrifício de uma análise mais aprofundada de cada uma dessas temáticas. Após a formulação de um quadro geral dos temas presentes na revista, que, reforçamos, sempre teve como delineamento servir de introdução à análise de conteúdo do nosso objeto, indicamos a alternativa de uma pesquisa centrada em uma ou em algumas poucas unidades temáticas relatadas de maior representatividade, buscando, de maneira mais restrita, um exame de entendimento

focado nas especificidades inerentes à unidade escolhida. Outro interessante caminho a ser seguido seria o de estabelecer uma comparação entre a versão da Rolling Stone brasileira dos anos 1970 e a contemporânea, investigando através da análise de conteúdo até que ponto as temáticas editoriais se assemelham ou diferem entre as duas. Ainda no viés comparativo, o estudo quantitativo entre as unidades temáticas trazidas pelo conteúdo produzido nacionalmente em oposição ao que apresenta o conteúdo traduzido da original estadunidense também nos parece uma opção relevante. De fato, como atentamos no capítulo de introdução, a pequena quantidade de obras acadêmicas disponíveis que tomam a Rolling Stone brasileira como objeto de estudo configura tal publicação como uma fonte de pesquisas ainda pouco explorada e fértil em possibilidades de investigação.

Levando em consideração os limites de um trabalho de caráter monográfico como o presente e o propósito de contribuição ao estudo de análise de conteúdo da revista Rolling Stone que nos norteou durante a execução dele, acreditamos ter atingido de maneira satisfatória o objetivo traçado para a nossa pesquisa. Portanto, esperamos ter colaborado, ainda que em um estágio inicial, para uma reflexão sobre os conteúdos produzidos pela publicação em questão e as práticas jornalísticas de tal veículo, de maneira a auxiliar na construção de uma melhor compreensão da edição brasileira da Rolling Stone.

REFERÊNCIAS

ALZAMORA, Geane ; GOLIN, Cida ; SEGURA, Aylton. **O Que é Jornalismo Cultural**. In: Adriana Azzolino et al. (Org.). **Mapeamento do Ensino de Jornalismo Cultural no Brasil em 2008**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

BOTÃO, Iuri Domarco ; CRISTOFOLETTI, Mayara ; COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. **Além da Indústria Cultural**: experiência da revista cultural "Rolling Stone Brasil". In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2011, São Paulo. VI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. São Paulo: Intercom, 2011.

BUFFINGTON, Cecil. **The History of Rolling Stone Magazine**. Disponível em: <http://cecilbuffington.com/photo3_40.html>. Acesso em: 21 set. 2014.

CAVALCANTI, Paulo. **45 Anos de História**. 2012. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/45-anos-de-historia/#imagem0>>. Acesso em: 21 set. 2014.

COSTA, Juliana Pacheco da. **Da Rebeldia à Caretice**: a revista Rolling Stone perde o rumo. Brasília: UniCEUB, 2009. 39 f. Dissertação, Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2009.

DIAS, Kadu. **Rolling Stone Magazine**. 2007. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2007/04/rolling-stone-magazine-bible-of-music.html>>. Acesso em: 21 set. 2014.

FAGAN, Alexandra. **Rolling Stone's First Issue**: "a rolling stone gathers no moss". 2013. Disponível em: <http://rockhall.com/blog/post/10252_rolling-stone-first-issue-cover-story/>. Acesso em: 21 set. 2014.

FARAGO, Cátia Cilene ; FOFONCA, Eduardo. **A Análise de Conteúdo na Perspectiva de Bardin**: do rigor metodológico à descoberto de um caminho de significações. *Linguagem* (São Paulo), v. 18, p. 01-05, 2012.

FARO, J. S. **Nem Tudo Que Reluz é Ouro**: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. *Comunicação & Sociedade*, v. 28, p. 143-163, 2006.

GLORIA, Rafael Silveira. **O Jogo na Cultura**: análise da cobertura de videogames na editoria de *Arts* do *Nytimes.com*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 95 f. Dissertação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2011.

GOLIN, Cida . **Jornalismo Cultural**: reflexão e prática. In: Adriana Azzolino et al. (Org.). **Sete Propostas Para o Jornalismo Cultural**: reflexões e experiências. São Paulo: Miró Editorial, 2009.

GRZYBOVSKI, Denize ; MOZZATO, Anelise Rebelato. **Análise de Conteúdo Como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração**: potencial e desafios. RAC. Revista de Administração Contemporânea (Online), v. 15, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2014.

GUERRA, Núdia. **Jornalismo Cultural**: a construção da notícia na internet. Belo Horizonte: UNIBH, 2005. 72 f. Dissertação, Departamento de Ciência da Comunicação, Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2005.

PORTAL REVISTAS. **Revista Rolling Stone**. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.com.br/revistas-de-musicas.html>>. Acesso em: 21 set. 2014.

REDAÇÃO ADNEWS. **7 Capas que Contam a História da Rolling Stone no Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://www.adnews.com.br/midia/7-capas-que-contam-a-historia-da-rolling-stone-no-brasil>>. Acesso em: 21 set. 2014.

ROCHA, Antônio do Amaral. **A Primeira Versão**. 2006. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/1/a-primeira-versao#imagem0>>. Acesso em: 21 set. 2014.

ROLLING STONE. São Paulo: Spring, 2006- . Mensal.

ROLLING STONE BRASIL. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/>>. Acesso em: 21 set. 2014.

ROLLING STONE MAGAZINE. Disponível em: < <http://www.rollingstone.com/>>. Acesso em: 21 set. 2014.

SALDANHA, Rafael Machado. **Rock em Revista: o jornalismo de rock no Brasil**. Juiz de Fora: UFJF, 2005. 70 f. Dissertação, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

SPRING EDITORA. **Publicações**. 2008. Disponível em: <<http://www.springcom.com.br/publicacao/rolling-stone/>>. Acesso em: 21 set. 2014.

SPRING EDITORA. **Mídia Kit Rolling Stone**. 2011. Disponível em: <http://www.springcom.com.br/media/mediakit/RS_MIDIAKIT_2011_SPRING.pdf>. Acesso em: 21 set. 2014.

TEMPLE, James. **Rolling Stone Closes Last S.F. Office**. 2009. Disponível em: <<http://www.sfgate.com/business/article/Rolling-Stone-closes-last-S-F-office-3164870.php>>. Acesso em: 21 set. 2014.

UNGARETTI, Wladimir Netto. **Empresariado e Ambientalismo: uma análise de conteúdo da Gazeta Mercantil**. São Paulo: Annablume, 1998.

WENNER, Jann Simon. **Biography**. 2011. Disponível em: <<http://www.jannswenner.com/Biography/>>. Acesso em: 21 set. 2014.

WOLFE, Tom. **About Tom Wolfe**. Disponível em: <<http://www.tomwolfe.com/bio.html>>. Acesso em: 21 set. 2014.